



Universidade Politécnica Salesiana de Equador

UNIDADE DE ESTUDOS DE POSGRADOS MESTRADO EM
EDUCAÇÃO MENÇÃO EM GESTÃO EDUCATIVA

Mestrado

PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA:

“INTERPRETAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA REALIZAÇÃO DO
PROJETO JOVEM CIDADÃO DOS JOVENS DE 12 A 18 ANOS
DE IDADE NA ESCOLA ESTADUAL OLGA FALCONE”

Maria Inês Muniz de Andrade

Orientador: Professor Dr. Luis Octávio Montaluisa Chasiqiza

Co-orientadora: Professora Dra. Ierecê Barbosa

MANAUS –AM

2011

MARIA INÊS MUNIZ DE ANDRADE

PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA:

**INTERPRETAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA REALIZAÇÃO DO PROJETO JOVEM
CIDADÃO DOS JOVENS DE 12 A 18 ANOS DE IDADE NA ESCOLA ESTADUAL
OLGA FALCONE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Educativa pela Universidade Politécnica Salesiana de Equador como requisito ao título de mestre em Gestão Escolar.

**Orientador: Professor Dr. Luis Octávio
Montaluisa Chasiquiza**

**Co-orientadora: Professora Dra. Iericê
Monteiro Barbosa**

Manaus –AM

2011

ANDRADE, Maria Inês Muniz de.

Prevenção a Violência: Interpretação da experiência na realização do Projeto Jovem Cidadão dos jovens de 12 a 18 anos de idade da escola estadual O.F. Maria Inês Muniz de Andrade Manaus – AM 2011,

116 páginas.

Dissertação (Mestrado) Universidade Politécnica Salesiana de Equador 20011

Orientador: Professor Dr. Luis Octávio Montaluisa Chasiquiza - Equador

Co-orientadora: Professora Dra. Ierecê Monteiro Barbosa - Brasil

01.Prevenção a Violência 02. Jovens e adolescentes 03. Órgãos como parceria 04. Escola e família 05. Projeto Jovem Cidadão.

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA SALESIANA DE EQUADOR

Dissertação de autoria de Maria Inês Muniz de Andrade intitulada **Prevenção a Violência: “Interpretação da experiência na realização do Projeto Jovem Cidadão dos jovens de 12 a 18 anos de idade na Escola Estadual O. F.”** apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão Educacional da Universidade Politécnica Salesiana de Equador em (...) de 2011 defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada.

Professor Dr. Luis Octávio Montaluisa Chasiquiza

Orientador

(curso/programa) sigla da (instituição)

Professor (nome do membro da banca)

(curso/programa) sigla da (instituição)

Professor (nome do membro da banca)

(curso/programa) sigla da (instituição)

Professor (nome do membro da banca)

(curso/programa) sigla da (instituição)

Manaus – AM

2011

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que me deram a vida e me ensinaram a viver com dignidade, sem medo e cheio de esperança, ao meu esposo pelo amor, paciência, compreensão, incentivo e apoio que dedicou iluminando todos os momentos durante meu curso de mestrado. Há vocês um muito obrigado pela realização desta conquista.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é mais do que um documento. Representa o fim de uma jornada de três anos no curso de Mestrado, desse modo o mais justo seria agradecer a todos que compartilharam comigo nesta caminhada, em primeiro lugar:

Agradeço a Deus pela minha existência e pela força que me proporcionou para vencer essa jornada, dando-lhe coragem para mudar o que pode, e, sabedoria para discernir entre o bem e o mal.

Ao meu orientador no Equador Dr. Professor Luis Montaluisa por aceitar e me orientar a cada passo da dissertação.

A minha co-orientadora no Brasil Dra. Professora Ierece Barbosa que me deu forças, encorajou-me com elogios a cada encontro que tínhamos ao ler minha dissertação, meu mais sincero obrigado.

Aos meus mestres do curso de mestrado por dedicarem tempo me proporcionando uma educação à distância com um desempenho excelente para minha caminhada da qui para frente.

Aos meus colegas por ficarmos juntos ao longo desses três anos apesar da distancia física, mas marcou para sempre tudo que aprendi com vocês a cada trabalho que fazíamos juntos a fim de, buscarmos conhecimento, amanhã talvez a vida nos mostre caminhos que possamos estar juntos. Mas levarei no coração o exemplo de nossa amizade.

Em especial a Professora Edna do Colégio Dom Bosco Manaus Amazonas que me fez o convite para fazer mestrado à distância confiando no meu desempenho como educadora escolheu-me dentre muitos colegas essa oportunidade de conhecer outra forma de aprender com aulas on-line, muito obrigado.

EFIGRÁFE

“A violência, seja qual for à maneira como se manifesta, é sempre uma derrota”.

Jean- Paulo Sartre.

RESUMO

O presente estudo investiga em campo o resultado das informações básicas e relevantes sobre a prevenção a violência na interpretação da experiência realizado no Projeto Jovem Cidadão com os jovens de 12 a 18 anos de idade. A pesquisa foi realizada com 220 alunos do Ensino Fundamental na Escola Estadual O. F. Manaus Estado do Amazonas, tendo como objetivos: avaliar o projeto jovem cidadão na prevenção a violência juvenil na escola; analisar a violência como fator que interferem na aprendizagem e estudar a violência física e psicológica que envolve os jovens nesta faixa etária, tomando como base as ações educativas através dos órgãos participantes SEC (Secretaria de Estado da Cultura), CETAM (Centro Tecnológico do Amazonas) e SEJEL (Secretaria de Estado da Juventude Esporte e Lazer). Com base nos estudos dos teóricos analisaram-se os fatores que influenciam o fenômeno em estudo. Os resultados da análise qualitativa mostram que as ações educativas através do projeto foram relevantes para a mudança de comportamento dos jovens na escola. No entanto, o espaço físico inadequado e a ausência da família foram fatores que impediram que o projeto tivesse um resultado satisfatório com precisão. As etapas da pesquisa foram: a) reunião com os pais, para saberem da importância do projeto na vida de seu(s) filho(s) b) entrevistas com as famílias, tutores do projeto, alunos e coordenadores no desempenho das atividades com os jovens, c) observação direta na aplicação das ações educativas com os órgãos participantes e com os órgãos que auxiliam no desempenho do projeto na escola como forma de prevenir a violência dentro e fora da escola.

PALAVRAS CHAVES: Prevenção. Violência Física e Psicológica. Jovem

RESUMEN

Este estudio investiga los resultados del campo y la información pertinente sobre la prevención de la violencia en la interpretación del experimento realizado en el Proyecto Joven Ciudadano con los jóvenes de 12-18 años de edad. La encuesta se realizó con 220 estudiantes de primaria en la escuela estatal O. F. Manaus, Estado de Amazonas, que tiene como objetivos: evaluar el proyecto de los jóvenes ciudadanos en la prevención de la violencia juvenil en las escuelas, analiza la violencia como un factor que afecta el aprendizaje y el estudio de la violencia física y psicológica a los jóvenes en este grupo de edad, sobre la base de la actividades educativas a través de la SEC los organismos participantes (Ministerio de Cultura), la ketamina (Centro Tecnológico de Amazonas) y SEJEL (Ministerio de Deportes y Recreación de la Juventud). Con base en los estudios teóricos analizados los factores que influyen en el fenómeno en estudio. Los resultados del análisis cualitativo muestra que la educación a través del proyecto eran pertinentes para el cambio de comportamiento de los jóvenes en la escuela. Sin embargo, la falta de espacio físico y la ausencia de la familia fueron factores que impidieron el proyecto tuvo un resultado satisfactorio con precisión. Los pasos de la investigación fueron: una reunión) con los padres, para conocer la importancia del diseño en la vida de su (s) hijo (s) b) entrevistas con las familias, los tutores del proyecto, los estudiantes y los coordinadores en la realización de actividades con el jóvenes, c) la observación de políticas en la ejecución de las actividades educativas con las organizaciones participantes y los organismos que ayudan en el desempeño del proyecto en la escuela como una forma de prevenir la violencia dentro y fuera de la escuela.

PALABRAS CLAVE: Prevención. La violencia física y psicológica. Jóvenes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 – Relatos dos alunos.....	24
Quadro 02 – Fala dos alunos.....	25
Quadro 03 – Comentário do aluno.....	25
Quadro 04 – Fala do professor.....	26
Quadro 05 – Resposta do aluno.....	26
Quadro 06 – Fala do aluno.....	26
Quadro 07 – E esclarecem.....	32
Quadro 08 – Resposta dos alunos.....	42
Quadro 09 – Responde os alunos.....	42
Quadro 10 – Explicação dos alunos.....	42
Quadro 11 – Grupo focal.....	43
Quadro 12 – Continuação.....	43
Quadro 13 – Resposta do aluno.....	44
Quadro 14 – Resposta do aluno.....	44
Quadro 15 – Comentário.....	46
Quadro 16 – Fala do aluno.....	49
Quadro 17 – Resposta.....	50
Quadro 18 – Fala das alunas.....	50
Quadro 19 – Uma das alunas.....	51
Quadro 20 - E completam dizendo.....	53
Quadro 21 – Grupo focal de aluno.....	54
Quadro 22 – Grupo focal de alunos responde.....	56
Quadro 23 - Responderam.....	56
Quadro 24 – Resposta da entrevista com os professores.....	53
Quadro 25 – Resposta do grupo focal.....	53
Quadro 26 - Resposta da professora.....	65
Quadro 27 – Os alunos quando entrevistados responderam.....	65

Quadro 28 - Resposta.....	66
Quadro 29 - Resposta.....	70
Quadro 30 – Foco grupal de alunos %.....	70
Quadro 31 – Grupo focal de alunos.....	71
Quadro 32 – Grupo focal de alunos.....	71
Quadro 33 – Fala do pai.....	73
Quadro 34 – Outro pai respondeu.....	73
Quadro 35 – Um grupo de mães comenta.....	74
Quadro 36 - Resposta da supervisora educacional	81
Quadro 37 - Resposta da coordenadora do projeto J.T de 29 anos	83
Quadro 38 – Grupo focal de pais.....	85

LISTA DE ILUSTRAÇÃO – (Fotografias)**SEC – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

Aula de Artes plásticas.....	64
Aula de música e apresentação.....	66
Aula de teatro e apresentação.....	67

SEJEL – SECRETARIA DA JUVENTUDE ESPORTE E LAZER

Esporte Futsal.....	68
Futebol de Campo.....	69
Queimada e Voleibol.....	69

CETAM – CENTRO TECNOLÓGICO DO AMAZONAS

Aula de informática no laboratório.....	70
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÃO:

Gráfico 01 – Violência física resultado.....	47
Gráfico 02 – Violência Psicológica resultado.....	57
Gráfico 03 - Resultado do questionário.....	75
Gráfico 04 – Resultado do questionário.....	76
Gráfico 05 – Resultado do questionário.....	77
Gráfico 06 - Resultado do questionário.....	78
Gráfico 07 – Resultado do questionário.....	79
Gráfico 08 – Resultado do questionário.....	80

SUMÁRIO

Resumo	X
Abstract.....	XI
Lista de Ilustrações.....	XII
Lista de Gráfico.....	XIII
Lista de Fotografia.....	XV

INTRODUÇÃO.....	16
-----------------	----

CAPÍTULO I

1. ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DA CLIENTELA DO PROJETO JOVEM CIDADÃO	
1.1 Caracterização dos jovens.....	21
1.1.1 Situação Sócio Econômica.....	21
1.1.2 Relação dos Jovens com os Pais.....	23
1.1.3 Relação dos Jovens com os Professores.....	24
1.1.4 Relação entre os Jovens.....	26
1.1.5 As formas de religião.....	27
1.2 Sentimentos e Emoções.....	28
1.3 As esperanças o Medo.....	31
1.4 O Despertar da Sexualidade.....	35

CAPÍTULO II

2.0 VIOLENCIA FÍSICA E PSICOLOGICA DOS JOVENS DE 12 A 18 ANOS	
2.1 Descrição do Universo pesquisado.....	37
2.2 Violência Física.....	37
2.2.1 Ameaças.....	40
2.2.2 Brigas (Agressão Física).....	40

2.1.2	Violência Sexual.....	44
2.1.3	Praticantes e Vítimas de Violência.....	45
2.3	Violência Psicológica	48
2.1.4	Rejeição.....	48
2.1.5	Maus Tratos.....	51
2.1.6	Exclusão e Discriminação Social na Escola.....	53
2.1.7	Indiferença.....	55

CAPÍTULO III

3 EXPERIÊNCIA DO PROJETO JOVEM CIDADÃO DOS ALUNOS DE 12 A 18 ANOS DE IDADE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS

3.1	Prevenção a Violência.....	59
3.1.1	Ações educativas através das atividades proposta no Projeto Jovem Cidadão.....	60
3.1.2	Percepção da família referente desenvolvimento do Projeto Jovem Cidadão na prevenção a Violência na escola.....	71
3.1.3	O papel do Educador Social na prevenção a violência.....	81
3.1.4	O papel da família na educação.....	83
3.1.5	Superar dificuldades no ensino aprendizagem do Ensino Fundamental.....	85

CAPITULO IV

4 PROPOSTA DE MELHORIAS NA APLICAÇÃO DO PROJETO JOVEM CIDADÃO

4.1	Parceria Cidadã.....	96
4.2	Proposta de melhorias.....	97
4.2.1	Infra-estrutura.....	97
4.2.2	A participação familiar.....	98
4.2.3	Comprometimento.....	98
4.2.4	Gênero.....	98
4.2.5	Coordenação mais efetiva.....	99
4.3	– Estruturas de fortalecimento da identidade do aluno.....	100
4.3.1.	Estrutura Psicológica.....	100
4.3.2	Estrutura de fortalecimento para a prática educacional.....	101

CONCLUSÃO

CONSIDERASÕES FINAIS

RECOMENDAÇÕES

REFERENCIAS

INTRODUÇÃO

O estudo objeto desta pesquisa resultará informações básicas e relevantes sobre a prevenção a violência na Interpretação da experiência realizado no Projeto Jovem Cidadão com os jovens de 12 a 18 anos de idade.

A pesquisa foi realizada com 220 alunos do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino da Escola Estadual O. F. Zona Centro Oeste na capital de Manaus Estado do Amazonas. O atual contexto da sociedade notabiliza-se pelas constantes interfaces entre a questão da violência e a fase da adolescência na sociedade brasileira contemporânea.

A violência em suas inúmeras modalidades e expressões vêm se tornando um dos problemas que mais angustia a sociedade, quer seja devido à divulgação dos fatos do cotidiano ou dados estatísticos, ou em uma sensação difusa de insegurança e desconfiança que se propaga.

Nos dias atuais, percebe-se nitidamente no Brasil como em todo o mundo ocidental moderno, que a ocorrência de violências física e psicológica com jovens fora e dentro da escola, não é um fenômeno recente.

Este, além de constituir um importante objeto de reflexão, tornou-se antes de tudo, um grave problema social. Como diz Enguita, (1989), “a educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento da todas as sociedades”.

Os problemas de violência que alguns jovens vivem na escola, são anti-sociais e interescolares, com isso, seus valores e atitudes que é atribuído ao indivíduo para poder ser um cidadão digno de respeito e de respeitar o outro, fica comprometido, levando-o a praticar certos atos inadequados, não valorizando a cidadania.

E uma das causas deste problema é a influência social fora da escola, começando dentro de casa, junto à família. Tendo como consequência, jovens desde cedo a praticarem atos que comprometem sua vida e vida dos outros, não tão somente física mais também psicológica, espiritual dentre outros.

No contexto sociocultural, entende-se que esse enfoque ajuda a compreender a complexidade e multicausalidade da problemática educacional bem como as dificuldades encontradas pela escola, pela família e pela sociedade na busca de soluções para resolver e prevenir esse problema que tem engolfado a adolescência.

Este estudo tem como objetivo geral avaliar o projeto jovem cidadão na prevenção a violência juvenil na escola, de maneira específica analisar a violência como fator que interferem na aprendizagem, como também estudar a violência física e psicológica que envolve os jovens nesta faixa etária.

Tomando como base investigar as ações educativas através da experiência realizada no projeto, a fim de contribuir na prevenção da violência física e psicológica com os jovens em estudo.

Supõe-se que os problemas e desajustes familiares interferem significativamente na geração da violência na sociedade e na escola. Além disso, os educadores precisam se conscientizar da necessidade de orientar os alunos a desenvolverem uma relação de paz e harmonia na família, na escola e na sociedade.

A escolha do assunto prevenção a violência foi como desafio e uma forma de aprofundamento no conhecimento de suas causas e formas de evitá-la, dentro e fora da escola. A formação dos jovens deve ser integral, auxiliando-os no desenvolvimento de suas capacidades físicas e psicológica. Por meio da ação educativa, o meio social exerce influência sobre eles, que se tornam capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora.

A incidência crescente de violência no contexto escolar onde vivencia-se a dificuldade de incluí-los para uma sociedade cultural globalizada despertou a necessidade de investigar o tema prevenção a violência, através do “Projeto Jovem Cidadão”.

Trata-se de um projeto que o Governo do Estado do Amazonas juntamente com a Secretaria de Educação e Qualidade de Ensino em parcerias com os órgãos CDH (Conselho de Desenvolvimento Humano), SSP (Secretaria de Segurança Pública), e SEAS (Secretaria de Estado da Assistência Social), observando que a violência é freqüente dentro e fora da escola, o governo implantou nas escolas o projeto como estratégia de prevenção.

Essa prevenção é para dar aos jovens nesta faixa etária a dignidade de valores, de personalidade, de caráter, dentre outros, ou seja, em princípios éticos, é preferível prevenir enquanto estão em fase de transformação. E os órgãos participantes como parceiros trabalharam com as ações educativas proposta no projeto, a SEC (Secretaria de Estado da Cultura), CETAM (Centro Tecnológico do Amazonas) e SEJEL (Secretaria de Estado da Juventude Esporte e Lazer).

Torna-se imperiosa uma intervenção educativa, pois todos enquanto sociedades globais são culpadas e devem ser chamados a intervir na contribuição para uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma os quatro capítulos que compõe o corpo deste trabalho permitem uma visão ampla dos problemas e consequência da violência que alguns jovens vivem dentro e fora da escola. Portanto, o presente documento está estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresenta aspectos significativos da clientela do projeto jovem cidadão, e mostra uma breve abordagem das características dos jovens em estudo de 12 a 18 anos de idade, a partir do envolvimento com a violência, que está dividido em: Situação Sócio Econômica dos Jovens, Relação dos Jovens com os Pais, Relação dos Jovens com os Professores, Relação entre os Jovens, Sentimentos e Emoções, Esperança e Medo, e o Despertar da Sexualidade.

No segundo capítulo, apresenta a violência Física e Psicológica dos jovens em estudo, e mostra que a violência física é caracterizada quando a coação se processa através de maus tratos corporais, ou a pessoa negligencia em termos de cuidados básicos, quanto à psicológica se confirma quando a coação é feita através de ameaças, humilhações, privação emocional.

Dentro desse contexto, diz (GUERRA, 1995 apud GUERRA in STEINER, 1986: 47), e consiste em um comportamento (não-físico) específico por parte do agressor, seja este agressor um indivíduo ou um grupo específico num dado momento ou situação.

No terceiro capítulo, a Experiência do Projeto Jovem Cidadão com os alunos em estudo de 12 a 18 anos de idade, e faz um convite à reflexão, numa perspectiva das ações educativas do Projeto Jovem Cidadão na escola, como também a percepção da família quando se trata sobre o desempenho do projeto, o papel do educador na prevenção a violência, o papel da família na educação, e a superação nas dificuldades do ensino aprendizagem.

No quarto capítulo, apresenta a proposta do melhoramento na aplicação do projeto jovem cidadão na escola com os jovens de 12 a 18 anos de idade, visando estabelecer estratégias de prevenção à violência mediante um conjunto de ações sócio-educativas, culturais, recreativas, desportivas e qualificação para o trabalho.

O estudo, com base no referencial bibliográfico poderá ajudar no melhor entendimento do tema bem como para futuras investigações, e poderá também servir de auxílio no sentido de que os alunos e a escola tentem compreender a atual situação de violência para que possa fazer uma reflexão crítica sobre este assunto e organizar diretrizes em busca para solucionar, ou pelo menos minimizar o problema melhorando no contexto da escola.

Neste estudo, reuniu-se informações relevantes da observação sistemática, entrevista diretiva, e questionário semi-aberto. Vale ressaltar que para compreender a complexidade atual da violência física e psicológica, principalmente a prática pelos alunos nas escolas públicas estadual, precisa-se entender que a violência surge em contextos e em situações bem conhecidas.

A caracterização do estudo realizado possui dois tipos de abordagem: a extensiva e a compreensiva. A abordagem extensiva recorreu a técnicas quantitativas, baseando-se na representatividade e na capacidade inferencial dos dados. Onde foram aplicados questionários estruturados para os pais dos alunos em estudos, e o resultado apresentado estão nos (Gráficos 03, 04, 05, 06, 07, 08,).

Na abordagem compreensiva foram utilizadas técnicas qualitativas, trabalhando o conteúdo de manifestações da vida social, enfatizando as percepções do sujeito sobre o vivido.

Na Abordagem compreensiva: Onde foram utilizados às seguintes técnicas: grupos focais com pais, alunos e professores; entrevistas individuais e em grupos com alunos, coordenadores do projeto, professores e pais, e observação *in loco* da escola. Nas técnicas utilizaram-se roteiros que cobriam diversos aspectos dos fenômenos estudados.

CAPÍTULO I

1. ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DA CLIENTELA DO PROJETO JOVEM

CIDADÃO

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma breve abordagem das características dos jovens em estudo de 12 a 18 anos de idade, a partir do envolvimento com a violência, que está dividido em: Situação Sócio Econômica dos Jovens, Relação dos Jovens com os Pais, Relação dos Jovens com os Professores, Relação entre os Jovens, as formas de religião, Sentimentos e Emoções, Esperança e Medo, o Despertar da Sexualidade.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS

Esta caracterização abrange apenas 220 (duzentos e vinte) jovens em estudo no Projeto Jovem Cidadão. Entretanto, ela pode representar de maneira aproximada o perfil dos demais jovens da escola estudada.

1.1.1 Situação Sócio Econômica

Os jovens em estudo residem em dois bairros na zona centro oeste na cidade de Manaus sendo 60% no bairro da Paz e 40% no bairro da Redenção, estudos feitos recentemente, as famílias de classe baixa são em um total de 80%, as de classe média 4% e paupérrima 16%, os dois bairros são violentos, pelos motivos que envolvem droga, brigas, prostituição, estupros, aliciamento com menores, roubos e até mesmo assassinato freqüente.

No que se refere, à procedência sócio-econômica das famílias dos jovens, estes são predominantemente oriundos de famílias menos favorecidos e muitas vezes obrigado a sobreviverem do sub-emprego, onde alguns num total de 09 (nove) jovens para ajudaram as família, quando tinham entre 10 a 12 anos de idade tiveram que trabalhar na rua com vendas diversas.

As inserções no mercado de trabalho dessas famílias são: Distrito industrial 7%, comércio em geral 13%, serviço ambulante 14%, mecânico 5%, borracheiro 3%, pintor 2%, doméstica 25%, e 8% desempenha atividade fora do lar como: lavadeira, costureira, manicure, cabeleireira e cobradora de ônibus.

As outras famílias desses jovens em estudo num total de 23% sobrevivem de R\$: 30,00 aos que tem um jovem matriculado no projeto jovem cidadão, e outros com R\$: 50,00 aos que tem dois ou mais jovens matriculados no projeto jovem cidadão, e uma ajuda da ¹Bolsa Família de R\$: 20,00 por filho matriculado, que é dado as famílias que não tem renda mínima familiar.

Os dados informados acima sobre a bolsa família foi da coordenação do projeto jovem cidadão juntamente com a direção da escola onde os alunos são matriculados. E a porcentagem da inserção no mercado de trabalho referente às famílias, foi através de entrevista com os pais em visitas nas casas conhecendo melhor o bairro e as famílias dos jovens em estudos.

Quando se trata de escolaridade, conversando com os pais e responsáveis dos alunos matriculados no projeto, na maioria dos pais, eles não terminaram a primeira fase do ensino fundamental que é de 1º ao 5º ano, e 11% são considerados analfabetos, ou seja, iletrados. Vale ressaltar que, a existência de duas mães que são assistente social, e uma professora, ou seja, concluíram a graduação (Terceiro Grau).

Por outro lado, Arregi Goenada, (1998a: 50) é da opinião que avançando no caminho da igualdade, da sociedade, pode a família como sociedade observar um decréscimo da violência em geral.

¹ Bolsa Família – ajuda do governo Federal para as famílias com renda familiar de um salário mínimo R\$: 540,00 que estejam com seus filhos na escola.

1.1.2 Relação dos Jovens com os Pais

Dentre os jovens pesquisados quando se trata de relação com seus pais, num total de 60% apresentam características indesejáveis e até odiosas que eles desprezam em si próprios. Por isso, até mesmo alguns pais que dispõe de condições econômicas para mantê-la, acabam transferindo para outras pessoas a responsabilidade de sua educação.

Esses pais simplesmente ignoram a existência dos seus próprios filhos, para os quais não conseguem ter diálogo, ou mesmo palavras de carinho como pais protetores. Esses adolescentes ressentem-se física e psiquicamente da falta de afeto, e de amor, e por isso 6% desses jovens em estudo vivem doentes.

As indiferenças de algumas mães são tão grandes que nem percebem o estado físico de seus filhos, é preciso que a escola comunique à família que foi detectada o frágil estado de seu organismo comprometido.

Além disso, os jovens frutos de pais separados, ou infelizes, são freqüentemente prejudicados por vivências agressivas, discussões e brigas violentas entre seus pais. Quando o casal se suporta vivendo juntos apenas por causa dos filhos, esses acabam se transformando num motivo de conflitos, pois o amor acaba entre os dois, e com isso, cada um quer viver do seu jeito não respeitando a si próprio e nem o valor de seu(s) filho(s).

No entanto, pai e mãe passam, a manifestar sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação a esse(s) jovem(s), o que acentua ainda mais o seu sentimento de culpa. Além disso, é comum os pais usarem o adolescente como uma arma na sua disputa emocional, ameaçando retirar-lhe o afeto caso ela demonstre preferência pela parte contrária. Vítima dessa chantagem o jovem acaba por sentir-se tão rejeitado e sem amor quanto o adolescente abandonado.

Segundo Saffioti, (1989: 13-21), embora existam múltiplas formas de famílias em uma sociedade distintas dos moldes tradicionais, o fato é que, independente de sua estrutura, a

família é o primeiro grupo, a primeira escola, a primeira comunidade, e a primeira experiência de exercício da cidadania que todo indivíduo vivencia, sendo essa experiência profundamente marcante e, muitas vezes, determinante da trajetória de vida.

No entanto, como “laços de consangüinidade não asseguram o amor” diz o autor, freqüentemente o convívio familiar é marcado pela violência doméstica – principais vítimas são crianças, adolescentes e mulheres.

Presume-se, assim, que esses fatores interferem na formação da personalidade dos jovens em estudo e, muitas vezes, contribuem para se tornarem agressivos e problemáticos.

1.1.3 Relação dos Jovens com os professores

Dadas as características de relacionamento na sala de aula dos jovens e professores uns sobre os outros. Muitos alunos informam manter relações agradáveis e satisfatórias com os professores.

Vale ressaltar que a relação professor/aluno é fundamental, no processo ensino aprendizagem. Segundo relatos das alunas, a maioria delas 90% valoriza seus educadores que os incentivam a continuar os estudos, mostrando-se interessados neles, preocupando-se com seu desempenho, dando conselhos, dialogando e sendo amigos, 10% delas não tem um bom relacionamento com os professores, dizem que:

QUADRO 01- Relatos de alunas

“eles são muito chato, passam muitas tarefas, pra casa dentro da sala de aula pegam muito no nosso pé, chamam nossos pais, como se nós não soubesse dar nosso jeito, mandam nós sempre para a diretoria, às vezes da vontade de pegar o professor lá fora (esse é relato de uma das alunas, mais as outras confirmam)”.

Quando se trata do relato dos alunos, eles dizem que os professores até dão boa aula, mas só se restringe ao repasse dos conteúdos, sem interesse em interagir com a turma, falta outro tipo de comunicação como: “conversar sobre namoro, trabalho, emprego, droga, dentre outros assuntos, e dizem:

QUADRO 02 – Fala dos alunos

“quando agente pede para os professores principalmente as professoras, elas dizem isso fica na responsabilidade de cada componente curricular, ou mesmo com os pais de vocês esses assuntos não fazem parte da minha matéria” comenta um aluno do 7º ano relatando a fala da professora de Língua Portuguesa, e continua, *“sabe! acho que ela não conhece mesmo o assunto, também já está com uma idade muito avançada”*.

4% do grupo de alunos responderam que não moram com seus pais e sim com seus avôs, outros com padrasto ou madrasta, tios ou tias, ou mesmo com alguém da família irmãos, primos dentre outros, e outros dizem:

QUADRO 03 – Comentário do aluno

“não tenho pai moro só com minha mãe e meus irmãos responde o aluno Davi O. F de Nogueira de 14 anos e salienta dizendo, *ela não sabe conversar com a gente sobre esses assunto diz que esses assuntos é para gente perguntar para os professores, aí eu fico com dúvida e tenho vergonha de perguntar para os professores”*.

Em relação aos professores, eles dizem que sua situação na sala de aula é desconfortável, pois muitos sentem que os alunos lhes faltam com respeito, quando pedem assuntos fora do seu conteúdo é para matar aula, e não porque querem realmente aprender o que pedem, ou mesmo como respondeu um educador com ironia.

QUADRO 04 – Fala do professor

“eles já sabem de todos esses assuntos, namoro, droga e muito mais, o que querem saber mais de nós? a nossa responsabilidade é de dar aula, e outra coisa, esses assuntos para alguns alunos já são de sua existência pessoal, e responde com ironia, agora quem quer saber sobre alguns desses assuntos desse tipo como droga, namoro [...] sou eu responde o professor A. D. M. de 47 anos”.

Observa-se com isso que, a falta de comunicação entre professor e aluno principalmente do sexo masculino causa nos alunos, muitas revolta independentemente de sua idade, é possível que essa atitude afete a auto-estima dos jovens que não aceitam ser ignorados.

No relato dos alunos observa-se que tanto a família quanto a escola não estão preparados para acompanhar a evolução do jovem nos dias atuais, onde sua fase de adolescente está em evolução, precisam ser orientados.

As observações mostram que o relacionamento professor/aluno é bastante diversificada, freqüentemente fria e distante, os diálogos são breves, e as manifestações afetivas são raras sem cordialidade, em geral o tratamento se dá em torno do instrumental, tanto na sala de aula voltado aos conteúdos programáticos, quanto nas atividades extraclasse no projeto jovem cidadão.

1.1.4 Relação Entre os Jovens

Quanto às relações com os colegas, os jovens alegam desunião e falta de solidariedade, observando que é comum que entre eles não há coleguismo nem diálogo, essa ausência de empatia e solidariedade entre eles acaba se estendendo, ou seja, são oriundos de outras relações (entre pais e filhos, colegas fora da escola, professores e outros).

Com isso, formam-se grupos fechados, chamados panelinhas, que impedem a aproximação com outros colegas, tanto dentro como fora da escola, chegando muitas das vezes a se agredirem fisicamente e psicologicamente.

Fica claro que a relação entre os jovens influenciam a sua permanência na escola, porque ali eles desfrutam de convivência social e se ligam afetivamente uns aos outros. O fato de não gostarem de seus colegas generaliza uma situação de desconforto e desconfiança entre todos, fazendo com que os laços afetivos entre os membros da classe se fragilizam.

Outro fator determinante nesse processo de relação com os colegas é a bagagem que trazem de casa, como alguns jovens são agredidos em casa pela própria família como relata 13% desses jovens, eles não conseguem se familiarizar com seus colegas, até ficam na escola tanto no horário de aula, quanto no horário das ações pedagógicas trabalhadas no projeto jovem cidadão, mas, psicologicamente percebe-se que se encontram fragilizados.

1.1.5 As formas de religião

Quando se trata de religião, por ser um dos valores que o evangelho fundamenta e dá sentido à experiência do indivíduo, atitudes e compromisso enquanto pessoa e comunidade, os alunos pesquisados apresentam falta de alimento espiritual, apesar de cada jovem ter sua religião, dentre os jovens pesquisados, 77 % relataram que são católicos, e 21% freqüentam outras religiões, e 2% são espírita.

Alguns alunos entrevistados disseram que não acreditam na religião para mudança de comportamento quando voltado para a violência, pois, elas trabalham isoladamente, não estão preocupados com a questão social, responde à aluna Deise Dias de 14 anos, diz: na minha casa a minha mãe diz que é católica mais nem freqüenta a igreja e nem manda agente ir também, e afirma, mais sou católica.

Enquanto os outros até afirmam que freqüentam, mais não entende muito de religião, um dos alunos de 15 anos Rosário Silva salienta dizendo: a escola também não ensina o

suficiente para a gente entender melhor só manda nós ler a Bíblia e fica falando só da família dela, como se eles fossem todos certos, e afirma que a professora é evangélica religião (Assembléia de Deus).

O aluno Loiz de Souza de 16 anos fez um questionamento dizendo que, a própria religião e a escola como também a família é violenta, e explica, porque não nos respeitam mais, nós temos que só aceitar o que eles falam, e não nos ouvem, relata o aluno.

Contudo, o componente curricular Ensino Religioso nas Escolas Estaduais e Municipais enfatizam que, por ter muitos alunos de diferentes religiões, ou seja, filosofia diferente tem que ser trabalhadas somente com resgate de valores, personalidade, dignidade, e amor, pois na escola as salas são todas heterogenias.

1.2 SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. Portanto, quando se estuda violência escolar, segundo Debarbieux, (1996:42) deve-se considerar um fator importante nesse contexto que é sentimento de insegurança, ou sobre tudo, o que aqui denominamos “sentimentos de violência” resultante de dois componentes precedentes:

a) crime de delitos como furtos, roubos, assaltos, consumo de droga etc. conforme qualificados pelo código penal;

b) as incivildades sobre tudo definidos pelos atores sociais. Mas também oriundos de um sentimento em geral nos diversos meios sociais de referência.

Por isso, em diversas partes do mundo e no Brasil pesquisadores têm procurado refinar o conceito de violência considerando a população alvo, os jovens e o lugar da escola como instituição.

No caso do Brasil, Codo e Vasques-Mendes (2001:32) observam, nas brigas, uma tendência de se passar das palavras e punhos para as armas, especialmente as de fogo, o que provocaria o aumento dos casos com desfecho fatal.

Os autores enfatizam a existência da *emoção* por ser experiência afetiva que aparece de maneira brusca e que é desencadeada por um objeto ou situação excitante, que provoca nesta faixa etária, muitas reações motoras, além de alterar o estilo afetivo.

Nossa existência está contextualizada no mundo e como tal, vivemos cercados de objetos, situações e de outras pessoas com quem interagimos. Tudo o que nos cerca provoca um desejo de afastamento ou de aproximação e estes desejos, mesmo que não sejam realizados, constituem a experiência afetiva de cada um.

Para muitos teóricos, a diferença existente entre *emoção e sentimento*, diz respeito apenas ao grau de intensidade e, neste caso, um estado afetivo mais suave, relacionado com as características do objeto em questão, constituiria um sentimento, enquanto que a emoção seria um sentimento mais intenso, como salienta DAMÁSIO (1994: 43) que:

“[...] as emoções e sentimentos não são entidades impalpáveis e diáfamas. O tema de que tratam é concreto, e sua relação com sistemas específicos no corpo e no cérebro não é menos notável do que a da visão ou da linguagem. Tampouco os sistemas cerebrais em que se apóiam se encontram confinados ao setor subcortical. O cerne do cérebro e o córtex cerebral trabalham juntos, criando a emoção e o sentimento da mesma forma que o fazem para a visão (DAMÁSIO, 1994)”.

Não existe uma classificação precisa para emoções e sentimentos, mas há certo consenso entre os profissionais da psicologia que consideram alegria, tristeza, medo e raiva como emoções fundamentais.

Características e intensidade da emoção dependem do objeto que desencadeia e, mesmo que as reações orgânicas que aparecem pareadas a uma emoção forem induzidas por

injeção de hormônios ou outras drogas, a emoção sentida frente a um objeto ameaçador será distinta da induzida artificialmente.

Algumas reações motoras ou glandulares acompanham diferentes emoções, como é o caso do choro que pode aparecer junto com emoções diferenciadas. As reações orgânicas aparecem depois da compreensão que o indivíduo tem da natureza do objeto desencadeador da emoção.

Existem várias teorias relacionadas às emoções e as dificuldades encontradas para estudar o assunto são muitas. As duas teorias principais da emoção são a periférica e a excitatória.

De acordo com a teoria periférica, a emoção depende de um conhecimento prévio e a repercussão orgânica é desencadeada por uma reação afetiva a este conhecimento.

Neste conceito, as reações nos órgãos viscerais ou musculares antecedem a emoções, que é excitatória é mais recente e valoriza a idéia de que a percepção do valor que o objeto tem, no momento em que ele se apresenta ao sujeito, é tão importante quanto à percepção das excitações, que são produzidas pelos órgãos periféricos no desencadeamento das emoções.

Embora esses estudos ainda sejam incipientes por focarem, em grande maioria, situações de violência física e psicológica que envolve sentimentos e emoções nos alunos da escola em estudo, os resultados obtidos apontam que, mesmo a violência na escola não se expresse em grandes números, e apesar de não ser no ambiente escolar que aconteçam os eventos mais violentos na sociedade.

Ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante, uma vez que afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a idéia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por dialogo e, portanto, antítese da violência.

1.3 AS ESPERANÇAS O MEDO

Dentre os fatores externos que, sem dúvida, contribuem para aumentar os níveis na escola, lembramos as condições sócio-econômicas os níveis cada vez mais absurdos de miséria e pobreza de uma camada da população em que os alunos pesquisados estão inseridos.

Com tudo isso, é que se elevam aceleradamente a disseminação do uso de drogas entre os jovens, psicologização da educação e a permissividade bem como o descompasso entre a escola e a tecnologia cada vez mais sofisticada deste final de século.

Entende-se com isso, que a falta de equipamentos de esporte, lazer, na maior parte das cidades e dos bairros destinados aos jovens, afetam o medo, a saudade, privações de vários tipos, são sentimentos que não raramente povoam a vida desses jovens e imprimem as cores da apreensão e da angústia ao seu dia.

A experiência tem demonstrado que frente à necessidade de levar a vida em diante por falta de lazer, é necessário cuidar dos que ficam, sobretudo, dos jovens que precisam resistir. A cultura da violência envolve, cada vez mais, pessoas jovens e, o mais grave, vem sendo banalizada. Pode-se afirmar que a relação entre a escola e a violência envolve três aspectos fundamentais:

1º) Não dá para separar a violência que há na sociedade com aquela o que ocorre na escola, pois, faz parte do cotidiano;

2º) A violência não pode ficar resumida a questões de desigualdades, exclusão social, criminalidade, já que está relacionada com a estrutura da sociedade e tem uma dimensão cultural, estando ambas articuladas;

3º) A violência na escola não pode ser vista apenas como "de fora para dentro", pois, também é gerada dentro da própria dinâmica escolar (a escola produz violência).

O que se entende por violência? Surgem dois extremos nesta abordagem: ou é reduzida a comportamentos violentos (criminalidade, agressão física, etc.), ou se considera toda e qualquer forma de indisciplina como violência.

O que se tem como certo é que tanto a violência física (corporal) como a indireta (atinge tanto física como psicologicamente determinada pessoa ou grupo de indivíduos) são manifestações da negação do outro e violação dos Direitos Humanos.

Em geral, a violência na escola é reflexo daquela que hoje impera na sociedade e, normalmente, não identificam a grande distância que existe entre cultura escolar e cultura social, que se traduz na violência simbólica, onde engloba as formas de conceber a avaliação e a disciplina.

A presença de pichações, depredações e destruição dos prédios escolares, violência típica praticada por gangues intimidada, traz sentimento de impotência por parte de toda a comunidade escolar em especial os alunos, já que não conseguem formar cidadãos capazes de raciocinar sobre as conseqüências de seus atos.

Também há a questão das brigas, fazendo com que neles impere o sentimento de impotência, medo, desânimo ante a atuação dos grupos de alunos que se envolvem fora da escola com as agressões físicas através de contato físico ou mesmo pela internet e do controle que eles exercem.

A cultura da violência vem sendo enfatizada pela mídia, mas, sem que apresente uma contribuição efetiva para a extinção da mesma.

Percebe-se também um aumento substancial da violência familiar, que tem sido agravada pelas condições de vida, moradia, saúde, trabalho, dentre outros.

Diante do exposto até então, pergunta-se: a violência existente no cotidiano escolar deve ser contida pela Segurança Pública ou abordada e repensada pela Política Pedagógica vigente?

O bem da verdade, a questão fundamental que se apresenta é a seguinte: o Estado e a sociedade conseguirão dar a esses jovens alunos, condições de cidadania diante das graves distorções sociais atuais, tendo em vista que a escola tem sido enfatizada como a principal instituição para dar início a esse processo, na tentativa de não permitir que a violência se torne em "um estilo de vida".

Para tanto, é preciso investir no "resgate do aluno" como sujeito do processo educativo, através de práticas participativas, diálogo, aproximação maior entre a família e a escola.

Dentro desse contexto é preciso enfrentar a "cultura da violência", promovendo a "cultura dos Direitos Humanos", para construir a sociabilidade fundamentada na dignidade de toda pessoa humana, a partir do cotidiano, através de novas práticas sociais, com a escola voltada para a formação da cidadania e para a democracia, para um novo processo de humanização que leve em consideração problemas pessoais, emoções, relações, para que haja produção do conhecimento com sentido.

Fazer uso da "pedagogia da indignação" contra a da "resignação", para evitar formas de violência ou de humilhação. A escola através dos seus representantes não pode ser omissa com o contexto social: deve procurar se articular com os acontecimentos que ocorrem fora dela e nem continuar resignada como está.

Precisa ter coragem de questionar a si mesma sobre as causas da violência e de sua conivência ou omissão, transformando a raiva em denúncia e não em silêncio, procurando pelos responsáveis pelas injustiças cometidas e refletindo sobre elas.

Necessita também estimular a "pedagogia da admiração" e afirmação da vida, da alegria de viver, acreditando sempre que a mudança de um indivíduo promoverá a mudança de outros. Deve trabalhar com a dimensão ética da educação, enfatizando o valor supremo da vida, optando por ela, através da solidariedade, justiça, esperança, liberdade e capacidade crítica.

Os professores nos dias atuais não podem mais ser apenas transmissores de conteúdos, ou mesmo, os que sabem tudo, mas, mobilizadores de cunho pessoal e grupal, cultural e sócio-político.

A aplicação da educação voltada para os Direitos Humanos faz uso de práticas pedagógicas integradas, trabalha com projetos transdisciplinares, voltados para a conscientização da realidade, que deve ser, aos poucos, aprofundada e ampliada.

O ensino e o ambiente escolar devem proporcionar prazer, emoção, promoção da auto-estima, provocando a dimensão afetiva que é tão necessária na educação para os adolescentes. Implica no cumprimento de um compromisso concreto, que deve ser assumido a partir da ação, envolvimento, participação em ações de grupos, e campanhas.

Envolve ainda a sistematização de práticas coletivamente construídas, porque o processo pedagógico é dinâmico e envolve o refletir sobre o que se vive, favorecendo o intercâmbio entre diferentes experiências (as "oficinas pedagógicas"), que contenham uma "postura pedagógica" que se expresse em atitudes, saberes, comportamentos, exercício da cidadania, nos diferentes âmbitos da vida cotidiana.

Todos devem somar esforços para que tais objetivos sejam atingidos: órgãos governamentais, e as ²(ONGs), sociedade civil, atuando de forma integrada e contextualizada, não considerando, portanto, a questão da violência como uma questão exclusiva de segurança pública.

² ONGs – Órgão – não governamentais

1.4 O DESPERTAR DA SEXUALIDADE

A adolescência é marcada por profundas transformações nas quais se entrelaçam processos de amadurecimento físico, mental, emocional, social e moral, que são influenciados pelas peculiaridades inerentes a cada sujeito, pelo seu ambiente sócio-cultural e pelo momento histórico, o que torna complexa a sua delimitação ou conceituação diz (OSÓRIO, 1989:103).

Erikson, (1976a: 42) compara a adolescência a uma “moratória psicossocial” devido à “confusão de identidade” que se estabelece nessa fase:

Inevitável num período da vida em que o corpo muda radicalmente suas proporções, em que a puberdade genital inunda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, em que a intimidade com o outro sexo se aproxima [...] e em que, enfim, o futuro imediato [...] coloca (a pessoa) diante de um número excessivo de possibilidades e opções conflitantes.

Tal crise gera no adolescente a necessidade de formar grupos, “estereotipando-se a si próprios, aos seus ideais e aos seus inimigos”, podendo tornar-se intolerantes e cruéis na sua exclusão de outros que são diferentes, como uma forma de defesa contra esse sentimento de perda de identidade (ERIKSON, 1976b: 47).

Nesses casos, o adolescente torna-se agente de exclusão, sob o risco de grupos rivais se engalfinharem numa escalada de agressões mútuas por motivos banais, prejudicando com isso seus sentimentos.

O despertar da sexualidade, nunca é algo premeditado, nos pré-adolescentes, antes disso é um processo natural, assim como o ato de degustar os sabores de um alimento. Não escolhemos sentir ou não sabor, pois o simples ato de ingerir alimentos já o desperta, mesmo que não saibamos classificar o sabor naquele momento. Assim também é com a sexualidade, esclarece a psicóloga Ribeiro, em seu artigo “SEXUALIDADE” divulgada no site (2010: 140).

Desse modo, o despertar natural deve ser esclarecido e nunca reprimido, deve ser conduzido com cautela e orientação sem pudor, pois apenas com a compreensão do que está acontecendo com o corpo naquele momento, pode-se discipliná-lo naturalmente.

A iniciação sexual dos adolescentes em estudo na escola ocorre cada vez mais cedo. No caso dos meninos, metade deles tem a primeira relação antes dos 15 anos. E esse início é mais precoce porque são de bairros pobres da cidade. Em uma das entrevistas com um grupo de alunos perguntou-se:

Quando as meninas começaram a te interessar?

QUADRO 05 – Resposta do aluno:

“Eu acho que foi com 12 anos de idade, quando eu estava freqüentando a igreja”, responde o estudante de 15 anos Airton M de D.

Como você percebeu isso?

QUADRO 06 – Fala do aluno:

“Eu começava a andar com as garotas e já queria ficar perto delas, abraçado com elas, às vezes sentia um pouquinho de frio, ficava junto e elas também começavam a ficarem pegando nos outros meninos, dando beijinho no rosto, aquela brincadeira”.

Perguntou-se, na escola existem garotas que despertam em vocês o prazer sexual? 100% dos alunos do sexo masculino entrevistados entre 13 a 18 anos responderam que sim. Quando foi perguntado aos meninos se já tinham tido oportunidade de sair com algumas dessas meninas que despertam o prazer sexual, 11% disseram que sim e todas entre 13 a 15 anos de idade.

QUADRO 07 - E esclareceram!

“tem muita garota que estuda na escola é muito bonita, e esclarece, tem corpo perfeito nossa!!!, algumas delas também dão em cima da gente né! Esclarece um aluno de 17 anos João A. de A. B do Ensino Fundamental do Projeto Avançar e os demais colegas afirmaram, mas, as vezes não vale apenas, perguntei porquê? E responde, ah! porque já saíram com muita gente colegas nossos, e pra não dar confusão a gente precisa ficar quietinho senão nos briga (sic)”.

Em quanto às meninas 67% delas, de 14 a 18 anos de idade já tiveram relação sexual, dentre elas 03 (três) alunas já são mães aos 16 anos. Dentre outras alunas entrevistadas, 04 (quatro) delas são lésbicas, sendo 02 (duas) de 15 anos, 01 (uma) de 17 anos, e 01 (uma) de 14 (anos).

Para finalizar, considera-se que, as características dos jovens em estudos apesar das dificuldades existentes no meio educacional, familiar e social, confiam-se no trabalho da escola e na eficiência de todos os envolvidos para solucionar o problema da violência física e psicológica, pois, o somatório desses esforços, com certeza, contribuirá para a formação de um homem crítico, consciente e apto para o exercício da cidadania e a um convívio social mais humano e harmonioso.

CAPÍTULO II

2. VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA DOS JOVENS DE 12 A 18 ANOS

Este capítulo tem por objetivo conhecer um pouco mais a fundo, a problemática da violência física e psicológica dos jovens da escola em estudo, questões polêmicas de responsabilidade da família, da sociedade, do estado e da escola.

Pois, a violência física é qualquer ação única ou repetida, não acidental cometida por um agente agressor que lhes provoca dano físico, enquanto a psicológica, consiste em um comportamento (não-físico) específico por parte do agressor, seja este agressor um indivíduo ou um grupo específico num dado momento ou situação.

Freire (1981) em sua teoria a pedagogia do oprimido, que defini como pedagogia humanista e libertadora, tem dois momentos distintos: primeiro aquele em que os oprimidos vão desvelando o mundo de opressão e, segundo, aquele que transforma a realidade opressora e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, comenta Freire, se eles são o resultado de uma violência, como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui? Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os configura como violentados, uma situação objetiva de opressão. Assim, quem inaugura o desamor, não são os desmandos, mas os que não amam, porque apenas se amam.

Para tanto, Freire (1981) diz que:

Na escola o educador e educando (liderança e massa), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar esses conhecimentos. Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mas que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento.

2.1 DESCRIÇÃO DO UNIVERSO PESQUISADO

Tendo em vista o tema escolhido, partiu-se para a pesquisa, destinado a fazer o diagnóstico da comunidade onde os alunos estão inseridos.

Em se tratando do bairro onde 91% dos alunos residem, o bairro da Paz começou com uma envasão de terras há 23 anos atrás. No decorrer desses anos a transformação do bairro acelerou-se apresentando atualmente uma população aproximada de 18.906 habitante, hoje o bairro possui, luz elétrica, mais não atendem a todos do bairro, água encanada, porém não possui rede de esgoto, coleta de lixo três vezes por semana, um posto de saúde, duas escolas Municipal, Estadual, possuem igrejas, lojas, farmácias, bares, pequenos comércios e feira.

Os eventos culturais são feitas pelas escolas ou pelas igrejas, não tem área de lazer, não tem posto de policiamento, ou seja, é um bairro que vive precariamente com uma população grande, mas não atende dignamente sua clientela. As famílias sobrevivem do sub-emprego, e do distrito industrial.

O bairro da Paz, tem muita incidência de violência muito grande, frequentemente saem em jornais assassinatos com jovens tanto na família, quanto na própria comunidade, as causas maiores é com as drogas, os estupros com crianças também são frequentes, dentro e fora de casa, mas, uma das violências que mais vivenciamos nesse bairro é a pedofilia, onde na escola tem alunos que já passaram por essa violência, sendo mais atingidas as meninas.

2.2 A VIOLÊNCIA FÍSICA

A violência física é caracterizada quando a coação se processa através de maus tratos corporais, ou a pessoa negligencia em termos de cuidados básicos, quanto à psicológica se confirma quando a coação é feita através de ameaças, humilhações, privação emocional como diz (GUERRA, 1995 apud GUERRA in STEINER, 1986: 47), tal divisão é apenas um recurso didático, pois geralmente elas vêm em conjunto ou uma serve de pré-requisito para a outra.

2.2.1 Ameaças

A primeira modalidade da violência entre os jovens começa em ameaças, ou seja, promessa explícita que provoca danos ou viola a integridade física ou moral, liberdade e/ ou bens de outrem. As ameaças como relata os jovens, podem ou não se concretizar em violências físicas, o que gera um clima de tensões cotidianas.

Relatos indicam que entre os alunos de 14 a 16 anos de idade, algumas delas efetivamente passam por agressão física entre os jovens, quando na própria sala de aula o aluno mata aula (foge) como na linguagem juvenil, e os colegas deduram outra linguagem juvenil, isso é suficiente para sofrer as agressões.

Outra situação comum de ameaças é a fase do namoro (paquera), quando há um sentimento interior em relação à mesma pessoa, isso é, mas comum entre os meninos, ao entrevistá-los 19,7% responderam que eles ameaçam mesmo e praticam as agressões, e dizem que isso é comum entre eles.

Outro fator comum de ameaças são os apelidos cruéis e gozações para intimidar o outro, que segundo seus relatos magoam muito e ficam preocupados com suas próprias reações.

Fante, (2005: 29) diz que, por ser um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas de forma velada e explícita adotada por um ou mais indivíduos contra outro(s), causa-lhe dor, angústia e sofrimento. Devido ao clima de intimidação tanto dentro quanto fora da escola é freqüente que os jovens expressem sentimentos de inseguranças.

2.2.2 Brigas (Agressões Física)

A agressão física contra os adolescentes é uma relação social de poder que se manifesta nas marcas que ficam principalmente no corpo, machucando-o, causando-lhes lesões e ferimentos.

As brigas representam para os jovens uma das modalidades de violência a mais comum dentro da escola, abrangendo desde a forma de sociabilidade entre eles até condutas brutais.

Esse tipo de agressão entre os alunos manifesta-se, inicialmente, por ataques verbais proferida pelos mesmos. É quando se torna difícil estabelecer demarcações precisas entre tipos de violência, como brigas e ameaças. O mais comum parece ser situações de limites entre bate-bocas e discussões.

A pesquisa indica que os alunos estão um tanto desorientados quanto à postura na escola no grupo de amigos, na igreja, perante a sociedade, na própria família, e consigo mesmo, não apresentando uma relação intra e interpessoal, tendo uma visão equivocada de direitos e deveres.

Acreditam nos seus direitos, mesmo em detrimento da vida coletiva, crêem que são impunes frente ao Estatuto da Criança e ao Adolescente pela sua idade, assim os conflitos entre eles tornan-se mais freqüente na escola.

Para Abramovay e Rua, (2002: 51) afirma, a violência “[...] é tudo o que causa diferença entre o potencial e o atual, entre o que foi e o que é [...] é toda ação que impede ou dificulta o desenvolvimento”.

Segundo a mesma autora, se levarmos esse pensamento para dentro da escola, entende-se que a violência seria a própria negação da instituição escolar, já que sua proposta é o desenvolvimento dos indivíduos.

Os alunos esclarecem que as brigas entre eles são corriqueiros, em especial os meninos num total de 37% dizem que muitas vezes as brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre eles, e vão até as conseqüências mais graves se agredindo fisicamente por futebol, lanches, namoradas, apelidos, por esbarrarem um em outro, um olhar direto como “encarar”, dentre outros.

Outros, num total de 9%, entre 15 a 17 anos de idade, já brigaram com colegas de outras escolas, ou mesmos com outros jovens que não estudam, não importa o motivo, o mais comum é por drogas, eles demarcam pontos estratégicos, e quando invadem seu território, não tem outra coisa a fazer, se agredirem fisicamente, 6% já usaram armas, tanto armas brancas, como também armas de fogo, e já foram atingidos também pelos mesmos tipos de armas.

Quando perguntou-se, como vocês marcam essas brigas?

QUADRO 08 – Resposta dos alunos:

2% responderam, pela internet é a melhor forma de se comunicar, pelo MSM, Orkut, e-mail, Iotub, e outros, nos vai na lanhaus ai agente se comunica, aí agente se prepara, responde um dos alunos entrevistados M.A.S. Vieira de 14 anos. Outros responderam, “agente sabe onde eles estudam, ou moram, ou mesmo onde eles ficam diariamente. e eles sabem onde nós também estuda, ou agente espera eles, ou eles esperam nós né salienta o aluno Vieira”.

Perguntou-se, essas armas vocês levam para a escola? Ou vão buscar em outro lugar depois que saem da escola?

QUADRO 09 – Respondem os alunos:

“Agente tem que levar para a escola, porque agente não sabe se eles estão esperando a gente ou não, agente leva para nós se defender, se não quem leva o pior é a gente”, responde o grupo de adolescente.

Também perguntou-se a direção da escola ou outros funcionários que trabalham quando sabem tomam alguma providência, um dos alunos disse que sim e explicou:

QUADRO 10 – Explicação dos alunos:

“é assim, nós leva escondido na mochila, e nesse dia a gente não bagunça na escola para ninguém se aproximar da mochila se não a gente se ferra porque tem uns colegas que são puxa saco da diretora e conta para ela, ai ela vem toma”.

Ao perguntar aos alunos, se já aconteceu de levarem armas para a escola e se a direção descobriu. 5% dos entrevistados responderam que já foram flagrados sim, foram suspensos, e os pais foram avisados.

Um dos alunos Jandersom N. A de 14 anos conta como tudo já aconteceu e relata:

QUADRO 11 – Grupo focal

“quando eu tinha 12 anos levei para a escola um canivete e uma lâmina (Gillette) para furar e cortar um colega que me denunciou porque pulei o muro, só que não deu certo porque descobriram no 1º tempo de aula, o diretor da época chamou o conselho tutelar e os meus pais, depois de conversarem muito meu pai, mãe, diretor e o conselheiro, só que eu não tava lá dentro com eles, quando terminou a reunião me chamaram e o diretor disse que eu fui transferido.

E completa:

Quadro 12 – continuação

Mas no outro ano voltei para a escola onde estudo até hoje, e comentou, eu era muito novo não pensava, agora não faço isso e perguntei o que?, levar arma, prefiro brigar usando os braços, mais continuo com esse sentimento porque foi obrigado a sair da escola, e esse aluno até hoje tira sarro da minha cara, me controlo o máximo”.

Porém, segundo relato d funcionários o aluno já não estuda na escola, mais fica às vezes em frente da escola.

Observa-se com isso que a presença de estranhos na frente da escola é constante principalmente no horário vespertino, onde o fluxo dos jovens desta faixa etária é maior, apesar de não impedir que eles apareçam também no horário matutino onde os alunos em estudos participam das ações educativas do projeto jovem cidadão, e às vezes se desentendem.

2.2.3 Violência sexual

O assédio sexual pode ter grave consequência sobre os jovens, criando uma cultura permissiva, em que atos desse tipo não são vistos como sérios e passíveis de punição. É uma violação de direitos, uma transgressão, uma relação de poder perversa e desestruturante.

A violência sexual é o abuso delituoso de crianças e adolescentes, em especial de sua sexualidade, negando inclusive o direito a sua sexualidade em desenvolvimento. É considerada na legislação brasileira, crime. O poder arbitrário do adulto agressor sobre o adolescente desestrutura a identidade do jovem vitimado, caracterizando como um comportamento perverso.

Dentre os jovens entrevistado do sexo masculino, na faixa etária de 14 a 17 anos, 7% são homossexual, começaram desde aos 12 anos de idade, 02 (dois) responderam que começaram desde aos 10 anos, pois, na sua família existem outros homossexuais, e disse:

QUADRO 13 – Resposta do aluno

“Ah isso é normal, respondeu o aluno B. M. A de 14 anos, e sou muito feliz por ser assim”.
“O outro aluno de 14 anos responde, fui muito discriminado, já chorei bastante, mais agora isso tudo faz parte do passado, aprendi a conviver com as diferenças”.

Quando perguntei se algum deles já sofreu abuso sexual, 3 (três) responderam que sim. E perguntei, foi com pessoas da família ou foi por outras pessoas sem ser da família, o aluno R. Gomes. M de 17 anos respondeu:

QUADRO 14 – Resposta do aluno

“foi assim, com meu vizinho do lado direito, eu ia fazer 13 anos e o vizinho A acho que tinha uns 27 anos, a gente se dava bem, nós morava (sic) no interior, depois disso foi que meus avôs vieram para a cidade grande junto com minha mãe, ele me convidou para apanhar

buriti (fruto da Amazônia), aí nós passava por um igarapé, nós estava tomando banho no igarapé parece uma cachoeira e tinha muita árvore lá, a gente pulava do galho do pau, foi quando uma da vez o meu colega sumiu, gritei por ele e sair correndo, foi quando passei pelo cedro (lugar onde se lava roupa é feito de madeira grossa), ele me puxou e ai aconteceu, chorei muito, mais ele disse que se eu o contasse ai matar meu avô, porque, meu avô passava para trabalhar todo dia pelo meio do sítio desse vizinho, e eles não gostava, parece que entre eles os vizinhos já brigavam, acho que foi por isso que ele fez isso comigo”.

O aluno fez um desabafo salientando que vai se vingar do filho dele, só ainda não se vingou porque ainda não deu certo, mais o dia está chegando, e afirma, quero que ele esteja vivo e ele vai saber quem fez, ai ele pode até me matar, já sofri muito com isso, e tenho nojo de sexo, o aluno relata que não consegui se relacionar com ninguém sexualmente.

2.2.4 Praticantes e vítimas de violência

A violência na escola pode ser associada a três dimensões, segundo Debarbieux, (1999: 39) diz que:

[...] a primeira dimensão, está na grande dificuldade de gestão na escola resultando em estruturas deficientes; [...] a segunda dimensão é voltada ao contexto, ou seja, uma violência que se origina de fora par dentro da escola, que as torne sitiadas e que manifesta por meio de penetração dos grupos, do tráfico de drogas e da viabilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar; [...] a terceira dimensão, são as componentes internas da escola específica de cada estabelecimento educacional. É possível observar escolas seguras em bairros reconhecidamente violentas e vise-versa.

Segundo relatos dos jovens, independente do tipo de violência, os praticantes são predominantemente alunos, que formam grupos dentro da própria escola ou se envolvem individualmente com indivíduo que não são alunos, chamados de gangues.

A polícia quando envolvida aparecem segundo relatos dos jovens como praticante do que como vítima de violência.

QUADRO 15 - Comenta os jovens:

“A gente chama a polícia para acalmar a briga, eles já vêm batendo na gente, nem procura saber quem está errado, joga a gente no camburão (carro da polícia), e leva para a delegacia”.

Verificou-se que muitos jovens são vítimas ou agentes da violência, entretanto, mesmo os que não se envolvem diretamente, relataram inúmeros casos dos quais tomaram conhecimento ou presenciaram tanto no espaço da escola, como também fora da escola, e dentro de sua própria residência.

Dentro desse contexto, Enguita, (1989: 31) “a educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”.

E afirma, a formação dos jovens deve(m) ser integral, auxiliando-os, no desenvolvimento de suas capacidades físicas, morais e espirituais. Por meios de ações educativas, o meio social exerce influência sobre os jovens, que se tornam capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora.

Essa proximidade contribui para banalizar o comportamento violento, tornando trivial a ocorrência de furtos, roubos, assaltos, vinganças, depredações entre outros, transformando um indivíduo de paz, para consigo a para a sociedade.

A gratuidade da violência na escola para eles é uma realidade, e o medo é comum em seus depoimentos.

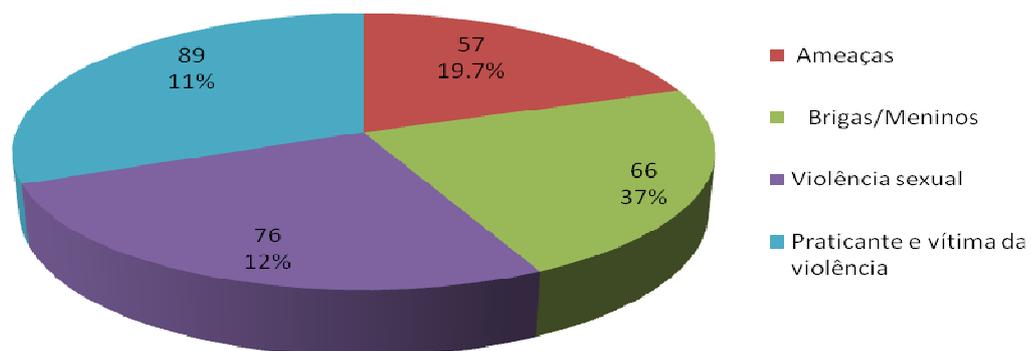
A violência física é a face mais visível do fenômeno, na escola, o confronto corporal mobiliza parte considerável das discussões, aparecendo como referencia para que os informantes discurssem sobre o tema e o ampliem para incluir outros tipos de violência.

Em algumas situações, justifica-se o recurso à violência física como forma de defesa pessoal, ou como atitude de proteção aos amigos, ou os mais fracos, ou como uma resposta à ação de um sujeito mais forte.

Em outros, aparecem como atitudes impensadas diante de uma provocação. Independentemente da justificativa, a violência é uma forma de negociação que exclui o diálogo, ainda que seja impulsionada por múltiplas circunstâncias e se revista de uma conotação moral, como a defesa dos amigos.

Vale ressaltar que, professores, e funcionários em geral são menos envolvidos, em qualquer tipo de violência, ou seja, quer como vítima, quer como praticante. Resultado as questões pertinentes sobre a violência física dos jovens em estudos com os grupos focais – proporção de alunos %.

GRÁFICO 01 – Violência Física resultado



Fonte: Levantamento junto à escola pesquisada.

Observou-se o resultado no gráfico 01 (um) sobre a violência física quando na pesquisa voltado para ameaças, brigas, violência sexual, e praticante e vitimas, da violência com os jovens em estudo, onde apresenta o resultado que envolve os alunos nas quatro modalidades de violência mais freqüente como aparece na tabela acima, observa-se que a

brigas tem um alto nível que envolve os adolescentes, dentre outros tipos de violência as porcentagens são equilibradas.

Vale ressaltar que a preocupação do Governo do Estado do Amazonas juntamente com a Secretaria de Segurança Pública do Estado com a implantação do Projeto Jovem Cidadão nas escolas pública do estado vão ajudar a diminuir o índice de violência entre os jovens.

2.3 A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A violência psicológica em particular nos chama atenção por ser uma dessas formas de violência legítima e aceita pela sociedade, pois são atitudes consideradas normais como as brincadeiras explícitas ou agressões verbais e ameaças, muitas vezes escondidas, levando assim a vítima ter traumas considerados tão ou mais graves que os físicos, Ballone, (2003: 51) menciona que:

A violência Psicológica ou agressão emocional, às vezes tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada por rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punição exageradas. Trata-se de uma agressão que não deixa marcas corporais vivíveis, mas emocionalmente causa cicatrizes indelévels para toda a vida (BALLONE, 2003).

2.3.1 Rejeição

A rejeição é uma violência psicológica caracterizada como uma agressão orquestrada por outro indivíduo, em especial o adulto como afirma Garbarino, (1986: 49). As ações executadas por essa(s) pessoa(s), o autor enfatiza que são no sentido de rejeitar.

Ou seja, ele recusa a reconhecer a importância do ser humano e a legitimidade de suas necessidades, ele isola e separa a criança, o jovem de experiências sociais normais, impede de fazer amizades e a faz acreditar que está sozinho no mundo.

Outro fator importante comenta o autor, é quando o indivíduo aterroriza o outro, atacando verbalmente, criando um clima de medo, ameaça, fazendo acreditar que o mundo é excêntrico e hostil, a pessoa ignora o outro reprimindo o desenvolvimento emocional e intelectual. E diz também, que por fim corrompe o indivíduo conduzindo negativamente a socialização, e muitas vezes estimulam e reforçam o seu engajamento no comportamento anti-social.

Assim a violência psicológica depende grandemente do contexto sócio-cultural, sendo “um comportamento considerado abusivo, quando transmite uma mensagem culturalmente específica de rejeição, ou prejudica um processo culturalmente relevante”.

O trabalho de campo evidenciou que muitos alunos relatam que se sentem rejeitados dentro da escola, primeiro pela própria aprendizagem, por serem alunos muito lentos no cognitivo a escola não apresenta um projeto para ajudarem nessa aprendizagem lenta, com isso muitas das vezes são reprovados ou transferidos.

Segundo pelas ações de violência, isso tudo porque, como já foram alunos que apresentaram comportamentos inadequados na escola anos anteriores, agora tudo que vem deles por mais que não cometam nada de agressão, mais o nome deles sempre estão presentes quando alguma coisa acontece de ruim na escola, e eles não conseguem recuperar sua confiança perante a comunidade escolar.

Perguntou-se para um grupo de alunos, como se sentem rejeitados pela aprendizagem na escola? Foi unânime a resposta de todos que:

QUADRO 16– Fala dos alunos:

“na sala de aula agente não acompanham alguns assuntos que professores estão aplicando, porque ninguém sabe dar seqüência nesse assunto, porque ninguém aprendeu antes esse outro pedaço que faz parte desse agora sabe (sic)? E as três professoras não está nem aí pra nós, só dar atenção para aqueles que sabem mais, agente fica sempre pra trás, por isso que

as vezes agente bagunça na aula ”. O aluno B.F.R. de 15 anos do 7º ano do ensino fundamental respondeu, “eu já fui reprovado duas vezes na escola, e já desisti também uma vez no 4º ano do ensino fundamental mais na outra escola, por isso não sei nada, acho também que esse ano não vou passar mais uma vez”.

Outra questão apresentada para o grupo de alunos, quais são os componentes curriculares que mais sentem dificuldades na aprendizagem para se sentirem rejeitados?

QUADRO 17 – Resposta:

“8% responderam “a gente não entende quase nada de Matemática, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (componente curricular obrigatório nas escolas públicas no Brasil)”.

Perguntou-se, já procuraram a gestora, ou o serviço pedagógico da escola?

QUADRO 18 - Fala dos alunos:

“já sim, nós temos um professor conselheiro, cada sala tem, aí a gente diz pra ele para conversar com as professoras pra dar mais atenção pra nós, mais a gente não vê nada, agente cobra da professora principalmente a matemática que é muito chata, braba, chama a gente de burro, só que ela não entende porque que a gente também não entende”. O aluno A.N.M. de 16 anos respondeu, “será que a professora nunca passou por isso, ou também não sabe?”. O aluno de 14 anos H.A.R. respondeu, “sempre os professores tem mania de dizer que esse assunto não faz parte mais daquela série, era para aprender na série certo, agora só querem tumultuar, e não é mais de minha responsabilidade, manda agente fazer reforço, mais meu pai não tem dinheiro para pagar reforço” E completou, “no início do ano, a pedagoga e a gestora pede para a gente escolher um professor conselheiro para responder por nós alguma coisa que acontece na sala, e esse é um dos assuntos que mais a gente pede para nosso conselheiro, mais até agora nada”.

Perguntou-se, para outro grupo de alunos, que tipos de preconceitos vocês se sentem rejeitados na escola?

QUADRO 19 - Uma das alunas de 13 anos V. A. de M. respondeu:

“meu cabelo, porque sou mulata, até que a minha cor de pele não pegam muito no meu pé, mais meu cabelo sim, eu não gosto, realmente é muito feio, mais o que posso fazer, nada”. Outra aluna de 13 anos S. B. N, relata *“sou muito baixa e também meus pais são indígena, mais nasci na capital, talvez seja por isso que os meus colegas da escola têm preconceito comigo porque sou filha de indígena e fico muito sozinha quase não tenho colega, me sinto rejeitada sim, na sala de aula sempre trabalho sozinha, dificilmente meus colegas me convidam para fazer trabalho com eles, e até mesmo aqui no projeto para os jogos quase não sou chamada para nada”.* Outros alunos responderam que o preconceito mais comum para se sentirem rejeitados é o peso, e dizem, *“somos muito gordo, até apelidam a gente, chamam a gente de tudo, e temos dificuldades de praticar esporte no projeto”*, mais não relataram os apelidos.

Orozco (1993: 62) acrescenta que nenhuma prática isolada ou um determinado significado se constitui em uma mediação propriamente dita e destaca outras fontes de mediação tais como: a própria cultura, a política, a economia, a classe social, o sexo, a idade, a etnia e os meios tecnológicos.

2.3.2 Maus tratos

Maus tratos: “Define-se pela existência de um sujeito em condições superiores (idade, força, posição social ou econômica, inteligência, autoridade, família) que comete com isso um dano físico, psicológico ou sexual, contrariamente à vontade da vítima ou por sentimentos obtidos a partir de indução ou sedução enganosa”, comenta a Psicóloga Leite em seu artigo 2008 escrito por, DESLANDES (1994:39).

Os maus tratos como salienta a autora contra adolescente podem ser praticados pela omissão, pela supressão ou pela transgressão dos seus direitos, definidos por convenções legais ou normas culturais.

Dentro desse contexto, observou-se o que ocorre com alguns jovens em estudos onde, em algumas famílias o nível sócio-econômico é uma das causas que contribui para esses maus-tratos como:

- Número elevado de filhos ou mesmo não desejados;
- Mães adolescentes sem suporte psicossocial em situação de isolamento;
- Falta de apoio familiar e de recursos.

Em seus relatos 21% dos jovens comentaram as formas de maus tratos que psicologicamente machucam muito quando lembram que passaram e alguns ainda passam.

- Castigos excessivos, recriminações, culpabilização e ameaças;
- Rejeição ou desqualificação;
- Uso como intermediário de desqualificações mútuas entre seus pais em processo de separação;
- Responsabilidades excessivas para a idade;
- Isolamento devido a mudanças frequentes ou proibições de convívio social;
- Clima de violência entre os pais e uso dos jovens como objeto de descarga emocional;
- Uso inadequado do jovem como objeto de gratificação, não permitindo independência afetiva.

Na escola, os sintomas e transtornos que aparecem nos jovens que sofrem maus-tratos psicológicos não são específicos, podendo aparecer não só em outros tipos de maus-tratos, como também em decorrência de patologias de outras etiologias. Costuma ter conseqüência em longo prazo como:

- Distúrbios de crescimento, intelectual, emocional, social;
- Distúrbios de comportamento tais como a agressividade, passividade;
- Problemas psicológicos que vão desde a baixa auto-estima, no desenvolvimento moral e dificuldades em lidar com agressividade e a sexualidade.

2.3.3 Exclusão e Discriminação Social na Escola

As classes menos favorecidas economicamente vivenciam a exclusão e a discriminação como fenômeno cultural, social e institucional. Além das desigualdades no que se refere à qualidade de ensino, à possibilidade de estudar na escola pública e à disponibilidade de tempo e material escolar adequado, a discriminação e a exclusão social manifesta-se nas atitudes quanto à própria escola e às relações entre os alunos.

Neste sentido, é possível distinguir dois padrões de exclusão e discriminação social na escola em estudo. O primeiro refere-se à visão sobre a escola pública e seus alunos muitos são vistos como:

Esses são relatos dos professores e coordenadores.

Mal-educado, despreparados, marginais, preguiçoso, desinteressado e, portanto, nocivos à sociedade.

QUADRO 20 - E completam dizendo:

“Eles se sentem rejeitados nos dias atuais por essa sociedade quando estudam em escola pública com condições tal e qual é a nossa “péssima” de estrutura física, de acompanhamento pedagógico, de gestão e principalmente de segurança, trabalhamos muitas vezes coagidos”.

A escola, no passado, e anda hoje se registra alunos com menos capacidades intelectuais são estigmatizados, esquecidos no fundo da sala de aula. Ao fazê-lo, criam focos

de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentem marginalizados. A escola de hoje, que se auto-intitula de inclusiva, não o é de fato.

A este propósito Jacques Dolors, (1996a: 48) aconselha os sistemas educativos a não conduzirem:

“por si mesmos, a situação de exclusão. O princípio de emulação, propício em certos casos, ao desenvolvimento intelectual pode (...) ser pervertido e traduzir-se numa prática excessivamente seletiva, baseada nos resultados escolares. Então, o insucesso escolar surge como irreversível, e da origem frequentemente a marginalização e exclusão social.”

Na realidade, afirma Jacques Dolors, (1996b: 48), que as escolas não estão preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais designadamente.

O segundo padrão de exclusão refere-se às relações entre os alunos na escola por serem jovens que moram em abrigo ou ³Aldéias (SOS) criadas por mães sociais, são jovens abandonados pelas famílias, e são incluídas nas escolas públicas com autorização do conselho tutelar ou do juizado da infância e adolescente.

Entre os jovens em estudo 20% deles são dessas instituições, e relatam.

QUADRO 21 - Grupo focal de alunos

“eu não gosto daqui, porque ninguém gosta da gente, só porque nos mora (sic) com outras pessoas, eles não ficam perto da gente. Mas ninguém morde, às vezes da vontade de fugir, mas tenho medo do juiz ou do conselheiro me pega,r ai pega mal pra nós né?”, relata em nome dos outros colegas o aluno V. M. G de 14 anos, e diz, *“sabe que às vezes eu prefiro é voltar pra a rua por causa da liberdade que a gente tem, e nós conhece outros colegas, lá também é legal afirma A.J.P. de 15 anos”*.

³ Aldeias (SOS) é um órgão governamental administrado pelo Município que cuida de crianças e jovens abandonados até aos 18 anos de idade através de mães social.

Há indicações de que esses alunos que sofrem discriminações entre outros colegas reagem tanto com retraimento como com agressividade.

A análise do papel da escola nos mecanismos da exclusão escolar implica isolar, evidentemente de maneira teórica e abstrata, os mecanismos e os fatores pelos quais a escola “acrescenta”, alia fatores de desigualdade e de exclusão que ultrapassam a simples reprodução das desigualdades sociais. Trata-se dos diversos “efeitos” escolares que remetem à própria ação da escola.

Pode-se sensatamente pensar que, se a soma desses “efeitos” não constitui nem a única nem a principal causa da desigualdade e da exclusão, representa, entretanto um papel que não pode ser negligenciado.

O problema da exclusão escolar não se limita ao núcleo dos alunos com grande dificuldade. Pode-se considerar que ele provoca um efeito de halo sobre o conjunto da experiência escolar na medida em que aparece como uma ameaça difusa de exclusão relativa e revela uma contradição essencial da escola quanto ao lugar que é reservado ao sujeito e as suas responsabilidades (DUBET, 1991; DUBET, MARTUCCELLI, 1996).

De fato, o problema da exclusão não é apenas saber, de maneira mais ou menos incisiva, quem é excluído, mas de conhecer também os processos e os efeitos dessa exclusão sobre os atores.

2.3.4 Indiferença

A indiferença é uma violência psicológica que tem um poder devastador afirma o ⁴Pe. Guilherme Lievem (Apud, Elizabeth Cunha 2008), ela é a companheira doentia do dominador e opressor, também dos que preferem as desigualdades, a violência, ódio e a morte. Os indiferentes, de uma forma ou de outra, ferem, rejeitam, excluem e matam. E afirma esta conclusão: o contrário do amor não é o ódio, mas a indiferença.

⁴ P. Guilherme Lievem , é pastor da paróquia ABC

Dentro deste contexto, Cunha, (2008) ainda enfatiza a idéia de Lievem que a indiferença seria um desvio de comportamento, um costume, uma forma de sobrevivência, um mecanismo de defesa, de resistência, ou conseqüência do egoísmo e do medo. O fato é que todos nós, uns mais e outros menos, somos indiferentes, até de nós mesmos enfatiza a autora.

Quando um grupo de alunos indagados, sobre indiferença, perguntou-se se eles se sentem indiferentes juntos dos outros colegas na escola.

QUADRO 22 - Grupo focal de alunos responde:

“Ah! A gente se sente sim porque, nós tamos (sic) muito atrasado no estudo, por exemplo: responde o aluno J.J. de Menezes de 17 anos, agora que tou (sic) no 6º ano, aliás todinho nós agente falta pra caramba (sic), mas porque temos vergonha dos outros colegas, que tem 12,13 anos na mesma sala e também a gente estuda de tarde, isso deixa a gente frustrado né? O grupo todo concorda, e continua o aluno questionando, e também me pergunto, porque que minha mãe não me ajudou e as escolas por onde passei, só porque aprontava muito, mas ninguém me entendia, e até agora, nem minha família nem a escola me entende, eu só estou estudando porque minha namorada estuda aqui, e ela me dá muita força, e os cara zomba muito da gente, por isso que as vezes meto porrada mesmo, também fico porque ganho R\$:30,00 do projeto, já me ajuda muito, só não sei pra onde vai esse dinheiro, porque quem tira no banco é a mamãe, mais deixa pra lá, esclarece o aluno meio decepcionado com a atitude de sua mãe”.

Outro grupo focal quando questionado com a mesma pergunta sobre indiferença na escola, 7% dos entrevistados responderam que se sentem indiferente por causa de sua cor (negra, preta, moreno) em especial os meninos por ser um grupo maior.

QUADRO 23 - Respondem:

“dizem que nós fedi (mau cheiro) (sic), ninguém quer jogar com nós por isso, continua esclarecendo, mais isso não é verdade, responde o aluno A. do Nascimento de 16 anos, acho que é por causa da nossa cor da pele mesmo, já pedi pra minha tia com quem eu moro que

me tire do projeto, pois ninguém pode participar de nada e principalmente daquilo que mais gosto de fazer, que é jogar bola, e o professor não ta nem ai também pra nós, só da confiança pros branquinhos, por isso me sinto indiferente deles, e perguntou-se, se já tinha ido reclamar para a coordenadora do projeto na escola, o aluno respondeu, não, porque? ela também sabe disso, tudo mundo sabe ”.

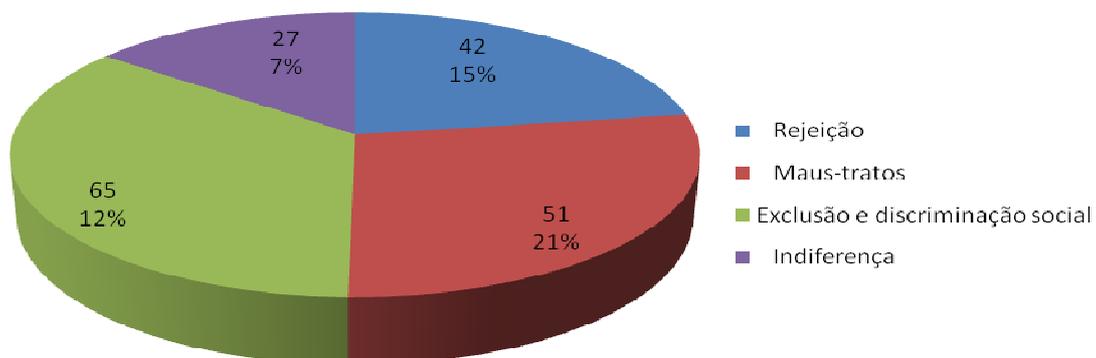
Enquanto as meninas a indiferença mais freqüente é por causa dos cabelos, e comentam que quando é liso chamam de índia, quando crespo de negra, ou seja, qual for o tipo de cabelo os colegas já tem um olhar diferente é irônico comentas as garotas em estudo.

A autora afirma a idéia de Lievem, que ser indiferente, é olhar pra si e se respeitar, é reconhecer seu valor, é aceitar seus limites, quem faz uso da indiferença para ferir outrem, não é indiferente, é egocêntrico.

Resultado da pesquisa sobre a violência psicológica com os alunos em estudos.

Grupos Focais – Proporção de alunos %

GRÁFICO 02 – Violência Psicológica resultado



Fonte: Levantamento junto à escola pesquisada.

No gráfico 02 (dois), apresenta um resultado preocupante por envolver um alto nível de todos os tipos de violência psicológica, como nos relatos acima muitos jovens tem dificuldades para superar traumas que marcam profundamente o seu “eu”.

Observa-se, no entanto, que até mesmo no próprio Projeto Jovem Cidadão esses adolescentes passa por constrangimentos, tanto com os colegas, como também envolvendo situações em atividades com professores como no relato do quadro 22.

Observa-se no relato de professores e coordenadores no quadro 19, que o próprio projeto Jovem Cidadão não apresenta lugar adequado para as atividades apropriadas para esses jovens em estudos e nem para os demais.

Portanto, a violência desses jovens são frutos da ausência de referências positivas no meio onde se circunscrevem tanto no bairro onde moram, com também a própria escola, pois, o fenômeno da violência desses jovens corresponde como ela se registra na comunidade como todo e na sociedade em geral.

Pois, a violência pode ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influi e distorce a imagem da sociedade. É a que mais preocupa o estado, pois é geradora de polêmica. A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com qualquer membro de sua família ou de sua proximidade.

CAPÍTULO III

3. EXPERIÊNCIA DO PROJETO JOVEM CIDADÃO DOS ALUNOS DE 12 A 18 ANOS DE IDADE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS

Este terceiro capítulo é um convite à reflexão, em uma perspectiva das ações educativas do Projeto Jovem Cidadão na escola, como também a percepção da família referente ao desenvolvimento do Projeto, o papel do educador na prevenção a violência, o papel da família na educação, e a superação nas dificuldades do ensino aprendizagem.

Como diz Foucault (2009: 169) afirma que na educação se exerce o poder disciplinário de relação que estabelece a educação com o saber e a verdade. Quatro são as forma desse poder: a seleção, normalização, hierarquização, e centralização.

Dentro desse contexto da violência o autor enfatiza dizendo que nos damos conta que a repressão e o castigo fazem parte da educação, pois, está escrito dentro das ordens disciplinares.

O autor sustenta, que a disciplina cria uma forma de individualidade totalmente nova para o indivíduo violento, que lhes permiti adimplir o dever nas formas das organizações econômicas, políticas e militares que emergiam na idade moderna e ainda continuam.

Foucault também sugere que esta individualidade possa ser integrada em sistemas oficialmente igualitários, mas que utilizam a disciplina pra construir relações de poder desiguais.

As análises do autor também se voltam a criação de formas particularmente refinadas de disciplina, tendo como objeto os mais pequenos e detalhados aspectos pessoais de cada

indivíduo. E também diz que a disciplina deve impor-se sem uma força excessiva, através de uma atenta observação, e graças a tais observações o indivíduo si forjam na forma correta.

Foucault apontado por (Althusser (1984) salienta dizendo que em todo caso, a educação é um aparato ideológico por meio do qual o poder é legítima. Deste modo, a educação não teria nenhuma possibilidade de ser crítica do estado, situação que não coincide com a realidade do mundo educativo.

3.1 PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA

A violência surge em contextos e em situações bem conhecidos. Torna-se imperiosa uma intervenção educativa. Pois, o modelo foi aplicado de acordo com o grupo social envolvente.

Por isso, a escola precisa trabalhar com os jovens a prevenção a qualquer tipo de violência, pois, deposita-se na escola, portanto uma responsabilidade no tratamento da violência, mediante a criação de um ambiente mais amistoso e de cooperação, em que todos os jovens estejam envolvidos comenta (AVANCINI, 2001).

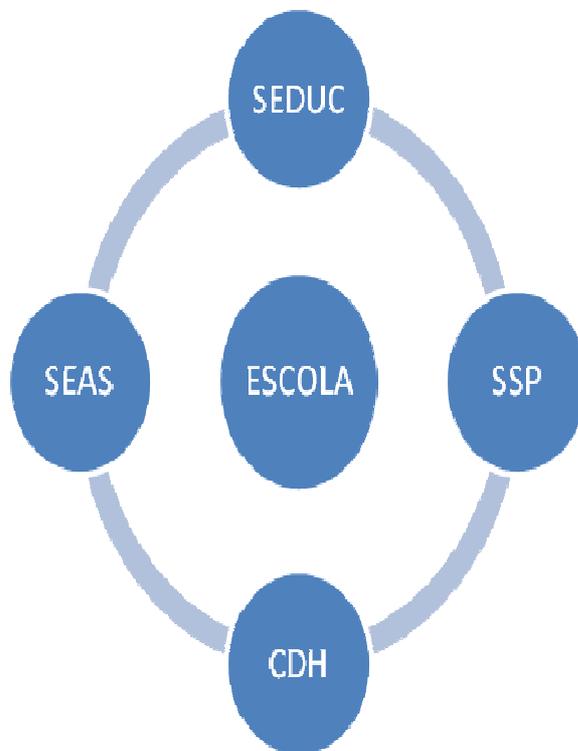
A prevenção a violência nas escolas tem como foco a cidadania do adolescente, quando participa de programas, os jovens adquirem mais responsabilidades nas suas ações, conhecimentos de seus direitos e deveres, e segurança nas decisões do dia-a-dia, como ser humano fortalece sua auto-estima por estar envolvido em situações que exigem iniciativas e decisões.

Tal fato se reflete de acordo com a idéia de Arregi Goenaga (1998b:), a violência afigura ser uma rede complexa que se pode sobreviver a partir da educação, e comenta que esta é importante, pois ensina os jovens nesta faixa etária adquirir determinação e valores, tais como: a compaixão alheia, bem como valorizar a vida não só a sua mais também dos outros.

3.1.1 Ações educativas através das atividades proposta no Projeto Jovem Cidadão.

O projeto jovem cidadão é uma estratégia de prevenção à violência no contexto do plano de reestruturação da Secretaria de Segurança Pública – SSP do Estado do Amazonas nas escolas estaduais.

⁵Órgãos que auxiliam o projeto:



É um projeto de Governo do Estado do Amazonas coordenado pela Secretaria de Educação do Estado - SEDUC que em parcerias com outros órgãos sem fins lucrativos, tem por objetivo reduzir a exposição de adolescentes às situações de violência, o Conselho de Desenvolvimento Humano – CDH responsável pela coordenação geral do Projeto Jovem Cidadão articula, acompanha, monitora e avalia o projeto nas escolas.

⁵ Órgãos que auxiliam o Projeto Jovem Cidadão na prevenção a violência nas escolas estaduais.

A Secretaria de Estado da Assistência Social - SEAS gerencia e monitora as atividades do Jovem Cidadão, realiza junto a SEDUC, encontros bimestrais com os pais/ou responsáveis dos alunos, faz pagamento da bolsa – benefício às famílias inscritas no projeto, e participa nos eventos realizados pela coordenação geral do projeto.

⁶Órgãos Participantes com as ações educativas na escola:

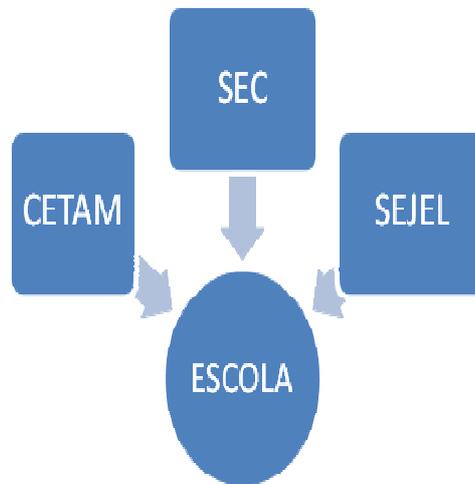


TABELA - IDADE DOS ALUNOS E ÓRGÃOS

IDADE ALUNOS	ÓRGÃOS
12 – 15 ANOS	Sec / Sejel
16 – 18 ANOS	Cetam

◀A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA desenvolve atividades com alunos três vezes na semana segunda quarta e sexta. Na escola em estudo trabalharam-se, com Artes Plásticas, Instrumento musical e Teatro.

⁶ Órgãos que trabalham com os alunos nas ações educativas no contra turno da escola no Projeto Jovem Cidadão.

No início do ano letivo foram matriculados 150 alunos nas Artes Plásticas, mais só freqüente 50 jovens, na música foram matriculados 200 alunos mais está freqüentando somente 80 adolescentes e no teatro foram inscritos 19 alunos restaram 12 jovens.

Esses alunos matriculados no projeto no início do ano letivo foram de 200 educandos, no entanto, eles podem participar de todas as atividades proposta na SEC. Quando perguntou-se aos professores porque tanta desistência de alunos no projeto, o grupo de professores entrevistados responderam que:

QUADRO 24 – Resposta da entrevista com o grupo de professores:

“nós não gostamos da proposta do projeto porque nessa faixa etária de 12 a 15 anos na Secretária de Cultura, os alunos saem e retornam quando quiserem, responde a professora de artes plástica G.G de Magalhães em nome do grupo, e continua explicando, as famílias também não ajudam, não ligam para seus filhos eles fazem o que querem em casa e assim querem fazer qui, acrescenta a educadora”.

Também foi perguntado ao grupo de professores, se a escola ou mesmo a coordenação do projeto não tinha outro projeto para que essa desistência fosse evitada.

QUADRO 25 - Resposta do foco grupal:

“a escola não tem muito o que fazer sabe, responde a equipe, porque o projeto é muito novo estamos ainda se adaptando pode ser que no outro ano 2011 em diante a escola tenha uma outra forma para que esses alunos não possam evadir das atividades que eles escolheram no início das atividades, continua o grupo explicando, nós também não somos professores na escola, somos professores na responsabilidade de cada órgão que nos contratam, e por isso fica mais difícil nossa aproximação junto da equipe da própria escola, nos temos nossos coordenadores, fiscalizadores de cada órgão separados tudo fora do contexto da escola”.

- Artes Plásticas

Nas aulas de artes plásticas foram trabalhadas com material reciclados, papel comum, papelão, plásticos, vidros, palitos de picolé, garrafa de refrigerante, tinta, pintura dentre outros.

FOTOS

Aulas de artes plásticas



FONTE: Fotos dos alunos nas aulas de artes plásticas na área externa da escola TMR.

Quando perguntou-se a professora na sua observação do ano letivo, através da ação educativa das artes plástica, se o alunos tinham melhorado no comportamento quando envolve a violência, a professora respondeu que:

QUADRO 26 – Resposta da professora:

“muito pouco melhorou as agressões, tanto física quanto psicológica, principalmente a psicológica eles se agredem muito com as palavras, são jovens revoltados, chamam palavrões muito forte como se aquelas palavras fossem normais, ameaçam uns aos outros, ou seja, não levam desaforo mesmo esclarece à educadora. Explicou também que contam como eles são tratados em casa, e diz: “uns 17 dezessete jovens relatam que apanham muito seja por qualquer motivo, basta seu pai chagar em casa bebido, ou qualquer outro problema, mas a professora não quis relatar os quais, ou mesmo a mãe que é revoltada pela ação do marido, descarrega nos filhos, tem pai que machuca tanto que chega a sangrar seus filhos, talvez seja este motivo de serem revoltados, e só fazendo o projeto não vai resolver o problema” acho que a escola precisa trabalhar com as famílias esclarece a professora”.

QUADRO 27 - Os alunos quando entrevistados responderam:

“até que gostamos, responde um aluno de 13 anos Joel de M. S. 6º ano, é legal a gente aprende a fazer muitas coisas serve até para a gente vender e comprar nossas nosso material, já disse para minha mãe que no final do ano vou fazer o que aprendi na escola para lhe ajudar, outros não ficaram tão entusiasmados, e responderam só estou aqui porque recebo meus R\$: 30,00”.

- Instrumento Musical

Nas aulas de Instrumento musical violão e pandeiro, o professor esclareceu que um dos motivos de maior desistência é a quantidade de instrumento que não é suficiente para todos, tem alunos que chegam a brigarem por causa dos instrumentos, mas dá para trabalhar assim mesmo, isso só acontece logo no início das aulas, explica o professor de música.

Outro fator preocupante nessa desistência dos alunos comenta os professores, é a ausência das famílias que não acompanha seus filhos na escola. Sabe-se com isso, que a participação da família na educação dos filhos é imprescindível junto à escola.

Pois, os pais devem estimular a vida escolar dos filhos, participar, e conscientizá-los da importância da escola, dos professores e da educação como um todo. Por outro lado é inútil querer transferir para a escola a parte que cabe à família, na educação.

FOTOS

Aula de música



FONTE: Foto dos alunos nas aulas de música na quadra da escola TMR.

Quando perguntou-se aos alunos qual das atividades que mais chamavam sua atenção, foram unânimes as respostas “instrumento musical”, apesar de alguns participarem das outras ações educativas, mais essa é a que mais gostam, e o aluno V.C de Machado de 15 anos responde:

QUADRO 28– Resposta:

“Se não tivesse aula de música eu já tinha desistido do projeto, mais estou gostando tanto que agora já sei o que vou ser na vida, e perguntou-e o que, por exemplo? Respondeu o

jovem entusiasmado “músico”, *agora quero aprender tocar contrabaixo ou outro instrumento de corda*”.

Observou-se que os alunos participam com muito entusiasmo quando tocam o instrumento musical, verificou-se nos olhares dos jovens a empolgação radiante principalmente quando tem outras pessoas assistindo as aulas, principalmente pais, que por dois dias alguns pais participaram assistindo o grupo musical.

- Teatro

A professora de teatro comenta sobre as poucas ausências dos alunos pelo motivo de o teatro ser mais dinâmico, aos que desistem são aqueles que não se identificam com a modalidade da atividade, e também quem mais participa são jovens de 12 a 14 anos de idade.

A educadora salienta dizendo que muitas vezes alguns alunos dizem que isso só para artistas e preferem participar em outras propostas, e passam o tempo trocando de modalidades. E também esclarece que outros são influenciados pelos pais a não fazerem, em especial os meninos, porque segundo relato de alguns alunos, os pais dizem que isso é coisa de menina, eles têm mais é que praticar esporte.

FOTOS – Teatro



FONTE: Fotos dos alunos na aula de teatro e em apresentações ao público na escola.

A coordenadora geral na área da Secretaria de Cultura, na sua entrevista esclareceu que a maior dificuldade para que os jovens estejam mais engajados no projeto são problemas familiares.

Comentou que alguns pais são responsáveis pelas não participações nas atividades por não incentivarem seus filhos, chegando até mesmo a fazer crítica como: *“se eu soubesse que meu filho fosse participar de teatro eu não tinha deixado, agora está gostando não posso mais fazer nada, ou seja, discriminou o curso a modalidade, comenta a coordenadora do projeto meio decepcionara com o comentário do pai”*.

Observa-se que a maioria dos pais também só aceitam que seus filhos participam do projeto por causa da ajuda que o governo paga no valor de R\$: 30,00 ou R\$: 50,00 conforme quantidade de filhos que tem estudando na escola, relata a coordenadora do projeto na escola.

A SECRETARIA DE ESTADO DA JUVENTUDE ESPORTE E LAZER (SEJEL) São atividades desportivas e recreativas desenvolvidas quatro horas todos os dias na semana.

FOTOS: Esportes a) Futsal – (Futebol de salão)



FONTE: Fotos dos alunos na quadra da escola⁷

⁷ Quadra Poliesportiva da Escola Estadual T.M.R. cedida para as atividades dos alunos da E.E.O.F.

b) Futebol de Campo



FONTE: Fotos dos alunos na área externa da ⁸escola

c) Queimada



d) Voleibol



FONTE: Fotos dos alunos na quadra da escola divididos em grupos

O CENTRO DE TECNOLOGIA DO AMAZONAS – CETAM

São cursos de Qualificação profissional, os jovens matriculados no CETAM são 32 alunos com a idade de 16 a 18 anos, são adolescentes que não podem participar de outras atividades do projeto. Por o curso ser profissionalizante esta ação educativa no projeto não há desistência, e também tem duração de seis meses com o recebimento de certificado.

As aulas no laboratório de informática são três vezes na semana, segunda, quarta e sexta, as outras de “atendimento ao cliente”, “departamento de pessoal”, “arquivo e documentação” são teóricas também com duração de seis meses. Em uma das questões aplicadas no questionário para os alunos qual a diferença entre as aulas normais dos componentes curriculares da série que estuda para as aulas de informática do projeto qual eles gostaram mais?

⁸ **FONTE:** Fotos dos alunos na área externa da E.E. Tomé de Medeiro Raposo cedida para o Projeto

A resposta foi unânime por todos os alunos em estudo.

QUADRO 29 – Resposta:

“é claro que a de informática, responde todo o grupo, e acrescentam se as nossas aulas normais fossem dadas através do computador seria mais interessante e temos certeza que o aprendizado seria mais eficaz e motivadora é muito legal, deveria ter todos os dias comenta o aluno de 17 anos do 7º ano, Antonio, V de F.”

Aulas de informática⁹



FONTE: Fotos dos alunos no laboratório de informática nas aulas do Projeto Jovem Cidadão da escola

Quando perguntou-se qual dos três cursos de qualificação profissional o que mais foi produtivo além da metodologia aplicada através do recurso tecnológico.

QUADRO 30 - Foco grupal de alunos %:

“Um grupo de alunos num total de 42%, respondeu que foi de “Atendimento ao Cliente”, e perguntei porque? porque ensina a gente se comportar mediante as pessoas, responde o aluno J.V.G de A de 18 anos, o curso ensina a gente saber ouvir, saber se comunicar, ter atitudes e outras coisas mais”.

⁹ Sala do laboratório da Escola Estadual O. F.

Enquanto outro grupo de 37% respondeu:

QUADRO 31 - Grupo focal de alunos:

“ah! o de “Departamento Pessoal” foi muito legal, porque apresenta uma administração geral, trata de planejamento, organização e do controle de todas as atividades diferenciadas pela divisão de trabalho”, comenta em nome de todo o grupo H. R. de P. também de 18 anos de idade”.

Esse grupo focal de 21%, só tinha alunas e responderam:

QUADRO 32 - Grupo focal de alunos:

“Nós gostamos dos outros também, mas, o “Arquivo e documentação”, são melhores porque orienta na organização, nas funções, na finalidade e o mais importante da importância a documentos que agente não sabia né! responde a aluna N.H.V de 17 anos e acrescenta sabia que depois que eu fiz (fala da aluna) eu me organizei até com o meu material didático da escola, eu não dava muita atenção pra essas coisas achava que isso era uma bobagem, mais não é não, agora quando eu vejo alunos deixando livro, caderno jogado por aí, eu recolho e levo na direção, quando eu sei de quem é, eu deduro mesmos salienta à aluna”.

3.1.2 Percepção da família referente ao desenvolvimento do projeto jovem cidadão na prevenção a violência na escola.

Na escola a formação dos jovens devem ser integral, auxiliando-os no desenvolvimento de suas capacidades físicas, moral e espiritual por meios de ações educativas, e o projeto jovem cidadão é uma estratégia que veio para contribuir na prevenção a violência oportunizando atividades desportivas, cultural e profissional.

Contudo, a escola deve ensinar aos jovens que aprender a ser cidadão é aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade e justiça. Trata-se somente de uma educação que leva adiante a missão de Dom Bosco, pura pedagogia preventiva. Para Dom Bosco, o ato educativo é essencialmente relação, enquanto o estilo vem a ser a marca pessoal quase imprime à relação educativa.

O Sistema Preventivo é uma experiência educativa desenvolvida por Dom Bosco ¹⁰(1815-1888) que se prolongou no tempo e no espaço através da ação das comunidades de educadores que a atualizam sempre de forma dinâmica. É, portanto, um estilo de educação, feito de ação e reflexão. É uma proposta comprovadamente eficiente para a educação da juventude.

A mais de um século da experiência desenvolvida por Dom Bosco, manifesta-se ainda válido e atual. Isto se deve à verdade das crenças nas quais se fundamenta e à força comunicativa dos valores praticados, como ele dizia, “[...] que os jovens só sejam amados, mas que eles próprios sintam que são amados”.

Dom Bosco compartilhava da concepção de que a educação é uma forma de prevenção da marginalização e de melhoria da sociedade, como outras obras de promoção social, de beneficência ou de assistência.

Dizia também no contexto atual que a preventividade em sentido macro supõe uma intervenção antes de tudo de tipo sócio-político: a política da juventude, da família, do tempo livre, da cultura, da saúde, da instrução, da segurança social.

Dom Bosco esclareceu que o tipo educativo, não só previne no plano individual, mas, sobretudo no social, coletivo, isto é, influenciando todo o ambiente, em suas expressões sócio-culturais, não prescindindo dos meios de comunicação de massa.

¹⁰ A PEDAGOGIA DE DOM BOSCO ATRAVÉS DE SEUS ESCRITOS. São Paulo: Salesianas de Dom Bosco, 1983.

Dom Bosco salienta dizendo que, as intervenções educativas devem golpear a raiz da marginalização em suas causas. Num sentido mais restrito no interior da prática pedagógica, a prevenção tem que ser entendida em contraposição à repressão. Essa concepção meramente disciplinar de prevenção como ação externa à pessoa, é no sentido de vigiar, defender, impedir, isolar, preservar, porque “prevenir é melhor que remediar”.

A pró-atividade da prevenção direciona-se para a consciência e as energias interiores da pessoa, e compreende todos os elementos educativos de razão, religião e amorevolezza, assistência-presença que a ajudem a construir-se positivamente como sujeito, capacitando-se para um posicionamento crítico e para atuar com liberdade.

Dentro desse contexto a escola é, portanto o local onde novos valores humanistas podem e devem ser transmitidos e onde eles devem desabrochar nas vivências cotidianas na transmissão de valores através de ações educativas, tanto na sala de aula, quanto com atividades extras classes. Quando entrevistados se estão satisfeitos com o Projeto Jovem Cidadão, os pais responderam:

QUADRO 33 – Fala do pai:

“estou sim, o projeto trouxe muito benefício pra nós, responde o senhor Raimundo G. de M. de 43 anos pai da aluna J. A de M. de 13 anos, e esclarece, “vou trabalhar e não me preocupo mais com minha pequena que fica sozinha em casa, a gora sei que ela está na escola e também no final do mês a gente recebe um dinheirinho que dá para comprar algumas coisinhas pra ela, por isso estou satisfeito sim” esclarece o pai”.

QUADRO 34 - Outro pai respondeu:

“Eu estou pouco satisfeito, o eu queria era que meu filho estivesse satisfeito, perguntou-se o porque da insatisfação do filho e o pai responde o senhor Durval de Q. A F de 39 anos, é

porque de vez enquanto ele chega com algumas conversas meio estranha em casa, de que não teve projeto porque o professor não veio, só que ele não volta pra casa, só chega no final da tarde, ai é que não sei se ele é quem não vai ou se realmente é o professor” comenta o pai meio insatisfeito e se questiona, será que meu filho está me enganando?.”

QUADRO 35 - Um grupo de mães comenta:

“tem sim todos os dias, salienta uma mãe dizendo, eu vou lá na escola as vezes para saber se está tendo mesmo atividade ou não, porque minha filha já me enganou tanto, agora eu preciso acreditar nela, e o projeto está me ajudando nesse processo do comportamento da minha filha”.

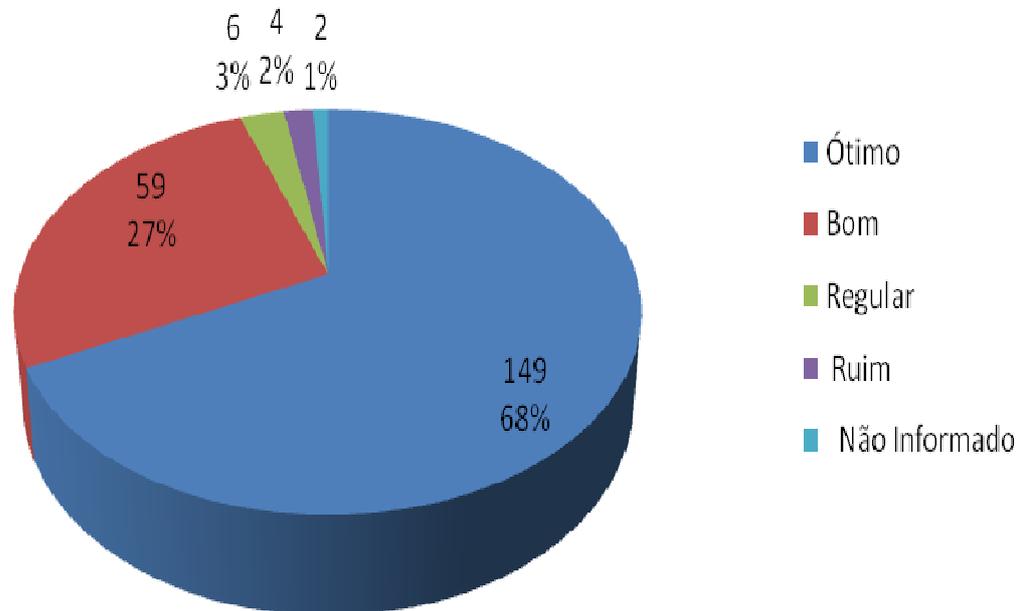
Foi aplicado também um questionário sobre a percepção dos pais ou responsável dos alunos em estudos sobre o Projeto Jovem Cidadão.

Ao serem indagados como estão percebendo o desenvolvimento do Projeto Jovem Cidadão na prevenção a violência na escola, os pais e responsáveis dos alunos em estudos responderam através de questionários, seis questões que envolvem conceitos, órgão responsável, equipes da escola no envolvimento com o projeto, principais atividades, e mudança de comportamento do (a) filho (a).

Resultado da aplicação do questionário sobre o Projeto Jovem Cidadão com as famílias dos alunos em estudos da Escola Estadual O. F em Manaus Amazonas, quando perguntou-se:

1ª) Questão: O que você acha do Projeto Jovem Cidadão na escola?

GRÁFICO 03 – RESULTADO



Fonte: Resultado do questionário aplicado com as famílias no mês de Novembro de 2010 junto à escola pesquisada.

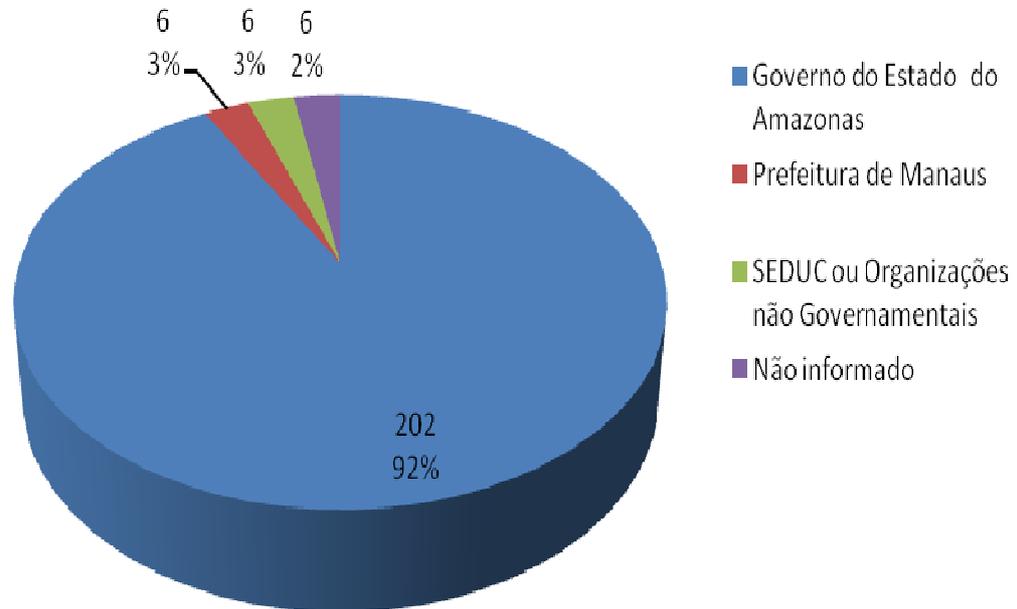
Observa-se no resultado do questionário com os pais que a maioria das famílias estão satisfeitos com o Projeto Jovem Cidadão na escola como apresenta o resultado no gráfico acima por conhecer bem a finalidade do projeto.

Mais, a pesar de alguns relatos de pais apresentarem insatisfação pelos motivos das ações de seus filhos que comenta em casa sobre o projeto que não funciona corretamente, mas desconhece seu funcionamento.

Quando perguntou-se:

2ª) Questão: Quem é o responsável pelo Projeto Jovem Cidadão?

GRAFICO 04 - RESULTADO



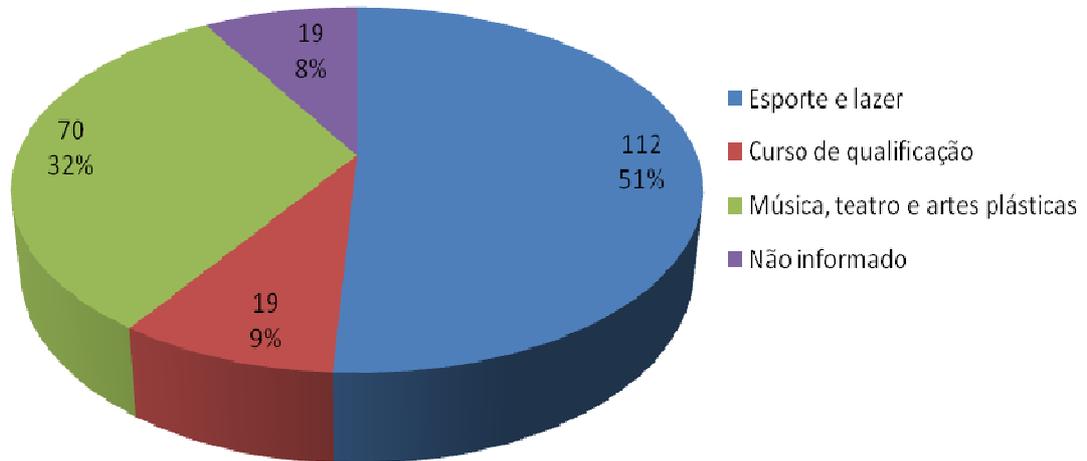
Fonte: Resultado do questionário aplicado com as famílias no mês de Novembro de 2010 junto à escola pesquisada.

Em se tratando do resultado do gráfico 04 (quatro), ainda existem famílias que desconhece a quem pertence à responsabilidade do Projeto Jovem Cidadão como resposta da questão da tabela acima. Observa-se com isso, que apesar do governo preocupar-se em prevenir a violência nesta faixa etária dos alunos em estudo na escola com ações educativas com seus filhos, os pais apresentam distancionamento da prevenção apresentado pelos órgãos responsáveis.

Outra questão aplicada no questionário com os pais ou responsáveis dos alunos pesquisados foi sobre se eles houverem relato sobre o gostar das atividades no proposta no projeto.

3ª) Questão: Qual atividade que seu(a) filho(a) mais gosta no Projeto Jovem Cidadão?

GRÁFICO 05 – RESULTADO



Fonte: Resultado do questionário aplicado com as famílias no mês de Novembro de 2010 junto à escola pesquisada.

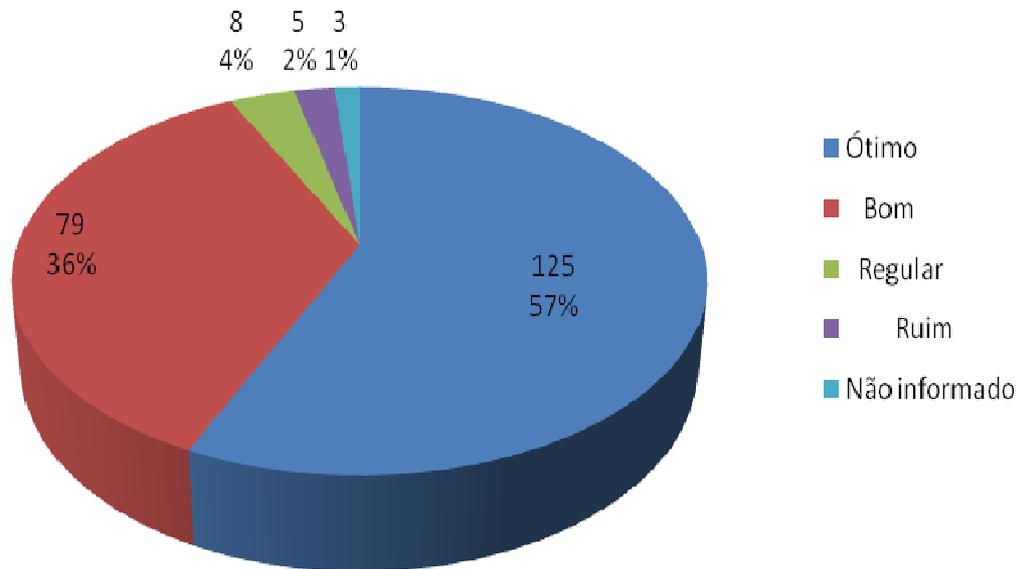
Em se tratando, do resultado no gráfico 05 (cinco), as ações educativas de esporte e lazer, música teatro e artes plásticas são os que apresentam uma porcentagem maior no gosto dos alunos, respondido por seus pais ou responsáveis no questionário como apresenta a tabela acima, o esporte pela diversidade de atividades como: futebol, futsal, queimada e voleibol onde os jovens participam com mais eficácia, na musica teatro e artes plásticas por serem dinâmicas.

Mas, na resposta não informado como apresenta o resultado no gráfico acima surpreende com a reposta dos pais, observa-se com isso, que a interação pais e filhos estão distante no relacionamento familiar, dificultado com isso a interação família escola e prevenção com a violência.

Resultado da pergunta aplicada no questionário com os pais.

4ª) Questão: Como você percebe o envolvimento da equipe da escola junto ao Projeto?

GRÁFICO 06 - RESULTADO



Fonte: Resultado do questionário aplicado com as famílias no mês de Novembro de 2010 junto à escola pesquisada.

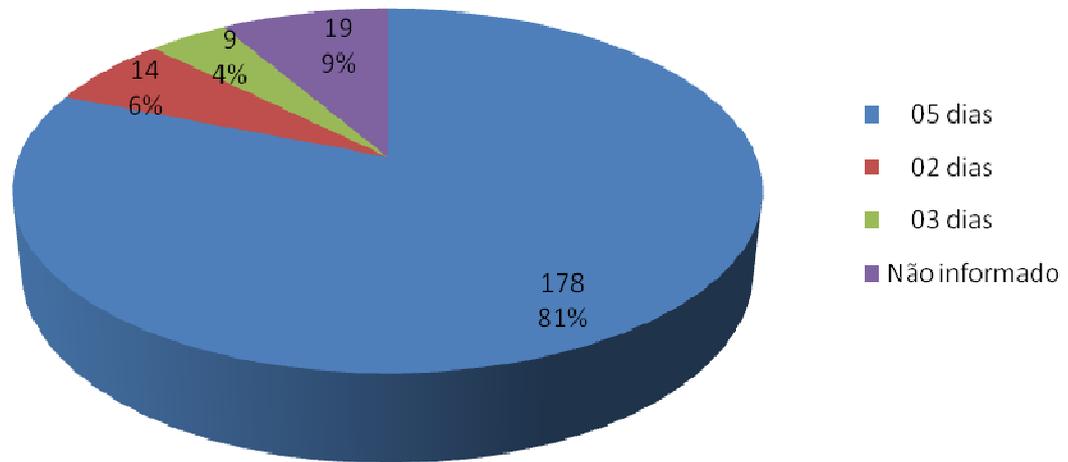
Quando se trata do gráfico 06 (seis), sobre a percepção do envolvimento da equipe da escola junto ao projeto social do governo, na visão dos pais é ótimo. Mas observou-se na aplicação do questionário, que tiveram muita dificuldade em responder, foi à questão mais demorada para a resposta com duração de 12 minutos aproximadamente, os pais olhavam uns para outros, como se a dúvida fosse precisa para sua resposta.

Observou-se com isso na resposta dos outros conceitos com outros pais que havia incertezas para a resposta dos que tinham dúvidas ou não sabiam da resposta.

Outra questão pertinente aos pais quando envolve o Projeto Jovem Cidadão foi:

5ª) Questão: Quantos dias na semana são realizadas as atividades do Projeto Jovem Cidadão?

GRÁFICO 07 - RESULTADO



Fonte: Resultado do questionário aplicado com as famílias no mês de Novembro de 2010 junto à escola pesquisada.

O gráfico 07 (sete) apresenta uma distorção na resposta dos pais, apesar de a maioria saber quantos dias funciona o projeto na escola¹¹.

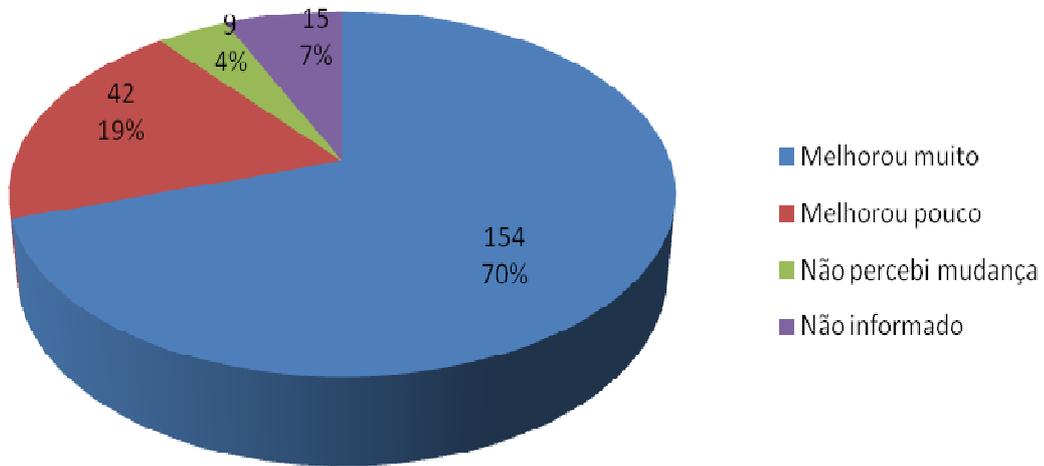
Observa-se, através das respostas dos pais, que ainda existem números grande de famílias que não acompanham o funcionamento do projeto na escola quando voltado na prevenção à violência juvenil.

Mas, quando perguntou-se aos pais sobre a mudança no comportamento de seus filhos depois que começou a participar das atividades proposta no projeto, observe a pergunta e o resultado obtido.

6ª) Questão: Depois que seu(s) filho(a)(s) começou a participar do Projeto Jovem Cidadão, seu comportamento (observar tabela):

¹¹ O Projeto Jovem Cidadão funciona 05 dias na semana no contra turno da escola, regulamento no funcionamento do projeto.

GRÁFICO 08 - RESULTADO



Fonte: Resultado do questionário aplicado com as famílias no mês de Novembro de 2010 junto à escola pesquisada.

Portanto, no gráfico 08 (oito), sobre a pergunta na tabela acima questão pertinente na mudança no comportamento dos filhos desde o início do ano letivo de 2010 quando começaram a participar do Projeto Jovem Cidadão na escola.

Na resposta dos pais, um número satisfatório apresenta melhoria no comportamento eficaz dos jovens em estudo, a pesar ainda de ter um número gradual que a mudança foi muito pouca, outros pais não perceberam e outros não souberam informar.

Observa-se mais uma vez que existem famílias que precisam participar mais da vida escolar de seus filhos.

Analisou-se nas respostas dos pais, tanto na entrevista quanto no questionário que as oscilações existiram, mais com pouca frequência, observa-se que o projeto está fazendo a diferença na visão dos pais tanto no comportamento quanto na violência física e psicológica de seus filhos.

3.1.3 O papel do educador social na prevenção a violência.

O educador social é um profissional que pode agir e interatuar na prevenção e resolução dos problemas de violência na escola. Como profissional híbrido como diz Fermoso, (1998:93) pode atuar em diferentes formas, designadamente com a família, crianças ou jovens, no meio onde se registrem focos de violência e mesmo na escola como elemento mediador.

A pesar de haver discursos divergentes acerca do âmbito de intervenção pode ser formal, informal ou não formal. Petrus, (1997a: 31) diz simplesmente que a educação social não deve ter, entre as suas competências, a responsabilidade da atividade escolar.

De fato, como afirma Petrus, (1997b: 31) a transmissão de conhecimentos e conteúdos programáticos compete aos docentes e não aos educadores sociais.

Na opinião de Fermoso (1998a: 95), a intervenção poderá ser ao nível da prevenção primária e secundária, centrando-se a educação preventiva primária em campanhas de sensibilização contra a conduta violenta na escola.

Dentro deste contexto, quando perguntou-se a supervisora no questionário como está sendo feita a prevenção da violência primária com os jovens e adolescentes na escola?

QUADRO 36– Resposta da supervisora educacional.

“tem-se feito através da comunicação realizadas em reuniões, palestras com pais, professores e alunos, cartazes até mesmo passeata contra a violência no bairro onde os alunos estão inseridos”.

Fermoso, (1998b: 50), salienta que, a educação preventiva secundária é realizada com atividades de educação não formal individualizada com auxílio pedagógico a alunos com condutas violentas, intervenção diretiva na resolução de conflitos, ajuda aos pais que têm filhos com condutas violentas, orientando-os na resolução de tais problemas.

Dentro desse contexto a coordenadora do Projeto Jovem Cidadão respondeu no questionário dizendo que:

QUADRO 37 – Resposta da coordenadora do projeto J.T de 29 anos

“esse trabalho secundário sobre a prevenção a violência tem sido feito através de dialogo individual porque cada caso é diferente um do outro, e esclareceu, só chamamos os pais quando nós educadores não conseguimos fazer um trabalho eficaz e eficiente com o jovem sobre a violência ocorrida, outros casos quando nem nós, nem a família conseguimos dominar encaminhamos ao Conselho Tutelar do bairro, chamamos também assistente social que trabalha nas delegacias, e assim fazemos o papel do educador social, responde a coordenadora J. V 28 anos, e acrescenta, nós funcionários do estado trabalhamos com muita dificuldade, em se tratando de violência não temos apoio de ninguém, as leis existem só no papel, porque a realidade é a nossa coragem e profissionalismo esclarece a professora”.

Petrus, (1997: 27) reafirma que:

O campo de ação do educador social são setores sociais em desequilíbrio (...) além de solucionar determinados problemas próprios da inadaptação, tem duas funções não menos importantes: a primeira, desenvolver e promover a qualidade de vida de todos os cidadãos; a segunda, adaptar e aplicar estratégias de prevenção das causas dos desequilíbrios sociais, ou seja apesar das relações entre educação social e marginalização serem evidentes, com a marginalização não se esgota o âmbito da educação social (PETRUS, 1997).

De fato, a tarefa do educador é prevenir e intervir em situações de desvio ou risco de qualquer situação mais debilitada da sociedade, de forma criar mudanças qualitativas.

Deverá exercer intencionalmente influencias positiva nos indivíduos. A educação atua concomitantemente com outros trabalhadores sociais de modo interdisciplinar na proteção e promoção sociais, a firma o autor.

O educador social perante jovens inadaptados socialmente terá primeiramente que fazer um diagnóstico do problema, enfatiza Pino Juste, (1998: 136), para posteriormente atuar. Este trabalho terá que ser concertado com a escola e com outros trabalhadores sociais, nunca poderá ser um trabalho solitário.

O autor diz que, após o diagnóstico, a solução deverá centrar-se na intervenção e na erradicação da violência na comunidade onde se inserem os jovens e esclarece especialmente:

(...) detectar mecanismos que possam desencadear num processo de marginalização, pobreza ou desenraizção social [...] todos os implicados na comunidade (instituições, amigos, família) no projeto de erradicação da violência afirma”. (PINO JUSTE 1998).

3.1.4 O papel da família na educação

O conceito de família nem sempre foi o mesmo, sofreu alterações de acordo como a evolução dos tempos. No antigo regime, não existia os termos criança ou adolescente, a criança não tinha infância, era considerada um adulto jovem.

A este propósito, Philippe Ariés (1988: 10-11) refere-se que:

“... passava- se diretamente de criança muito pequena a adulto jovem, sem passar pelas várias etapas da juventude de que eram talvez conhecidas antes da idade média e que se tornavam o aspecto essencial das sociedades evoluídas dos dias de hoje”.

A educação da época não era assegurada pela família. Cedo as crianças se envolviam com os adultos em atos sociais tradicionais para ajudarem os pais, as meninas ajudavam nos

labores habitacionais, os meninos ajudavam desde cedo na conservação dos negócios familiares. Era desse modo que adquiriam conhecimentos e valores essenciais a sua formação.

O relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996: 95) reforça que:

“a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”.

Embora haja certa continuidade na transmissão de valores de pais para os filhos, a verdade é que os jovens de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através de discursos variados que a escola e a família poderão ou não integrar. Todavia, a família não se pode demitir do seu papel e atribuir responsabilidades aos outros agentes educativos na formação dos seus descendentes.

É na família o núcleo que os jovens adquirem os modelos de condutas que exteriorizam. A pobreza, a violência doméstica, o alcoolismo, tóxico-dependente, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, permissividade, demissão educativo dos pais dentre outros, são as principais causas que deterioram o ambiente familiar.

Dentro desse contexto, observou-se que algumas famílias dos alunos em estudo como citados anteriormente não possuem estruturas psicológica para repassar um modelo de família que os jovens precisam para que se torne um jovem preparado para enfrentar um futuro promissor.

Na entrevista com algumas famílias, elas relataram que tem pai e mãe que consomem bebidas alcoólicas, pai que usa droga, tem mãe que deixa seus filhos e passa até dois dias fora de casa. Observou-se também que 4% desses alunos pesquisados na idade entre 12 a 14 anos fazem vendas na rua, e 2% são incentivados pelos pais a pedirem dinheiro tanto na rua quanto nas casas.

Em se tratando da educação dos filhos, os pais entrevistados dizem que estão todos na escola, e relatam.

QUADRO 38 - Grupo focal de pais

“ah! O governador dá tudo pra gente (fala da mãe), no colégio eles aprendem de tudo responde dona Agelina N. Z de 38 anos em nome dos outros pais tem o projeto né meus dois filhos fica na escola de manhã e tarde por isso não me preocupo, e no fim do mês agente recebe R\$: 50,000 dá pra alguma coisa não muito mais ajuda”.

3.1.5 Superar dificuldades no ensino aprendizagem do Ensino Fundamental

A abordagem histórico-cultural requer mudanças na prática pedagógica do educador e sua percepção referente à dificuldade de aprendizagem. Significa superar a idéia de que a sala de aula é um local silencioso onde os alunos só vivem, prática comum numa visão formalística e tecnicista de educação.

A escola é vista como local de trocas de idéias de trabalho em grupos – para promover as interações, mediações necessárias ao processo de apropriação dos conceitos científicos e individuais para que os alunos produzam suas reelaborações dos significados apropriados nas discussões coletivas.

É no espaço coletivo e individual que, de acordo com Vygotski (1993: 483), os alunos se apropriam das significações dos conceitos e dos conhecimentos estudados. São entendidos, não como um saber conclusivo, mas um conjunto de conhecimento histórico produzido no movimento das relações sociais. Isto é um conjunto de práticas sociais nas quais foram construídas formas de significações e se materializam como conhecimento científico.

Dessa forma, aprender é apropriar-se das significações historicamente produzidas pela humanidade e atribuir sentido a elas. Pensar que o ensino e aprendizagem são duas faces de um mesmo processo faz sentido acreditar que, ao final dele, só existem duas alternativas: ou o aluno aprende, ou aluno não aprende.

Diferentemente desse contexto, o educador vê a aprendizagem como uma reconstrução que o aluno tem de fazer dos seus esquemas interpretativos e percebe que esse processo é um pouco mais complexo do que o simples “aprender ou não aprender”.

A necessidade de ter claro que o aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo, já que o conhecimento a ser construído pelo aluno é, na verdade, uma construção que se apóia no conhecimento prévio de que dispõe.

O conhecimento prévio é o conjunto de idéias, representações e informações que servem de sustentação para a nova aprendizagem, ainda que não tenham necessariamente uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar.

Investigar e explorar essas idéias como visto anteriormente na representação prévia é importante porque permite saber de onde vai partir a aprendizagem que queremos que aconteça.

Conhecer essas idéias e representações prévias ajuda muito na hora de construir uma situação na qual o aluno terá de usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.

A necessidade de avaliar no início do processo é característica da relação entre ensino e aprendizagem vistos numa ótica construtivista. Nela, a informação que o aluno recebeu anteriormente como define o conhecimento prévio, porque esse constitui toda a bagagem de saberes que o aluno tem oriundo de diferentes fontes e que são pertinentes para a nova aprendizagem proposta.

Pode-se dizer que a aprendizagem é um processo que se realiza no interior do indivíduo e se manifesta em uma mudança de comportamento. Para se estabelecer se houve ou não aprendizagem é preciso que as mudanças ocorridas sejam relativamente permanentes.

A psicóloga Renata Ruivo fala sobre a dificuldade na aprendizagem artigo publicada por (Marcos Vinhal, no site 16 de maio de 2008), onde diz que existem alguns fatores fundamentais para que tal aprendizagem se efetive que são eles: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção e memória.

A autora comenta que a falta de um desses fatores pode ser a causa de insucessos e das dificuldades de aprendizagem que irão surgindo no decorrer de seus futuros estudos. Pode-se destacar algumas das principais causas das dificuldades de aprendizagem, como: físicas, sensoriais, neurológicas, intelectuais ou cognitivas, sócio -econômicas e emocionais sendo está última das principais causas que podem dificultar aprendizagem.

Como resultado, o estudante com dificuldades de aprendizagem têm muitas vezes baixo nível de auto-estima e de autoconfiança, o que pode conduzir à falta de motivação, afastamento, crises de ansiedade e estresse e até mesmo depressão afirma a psicóloga Renata.

Porém, a culpa não pode ser atribuída somente aos pais. Cabe aos educadores trabalharem também com metodologia, recursos e procedimentos para criar uma atmosfera agradável para aprendê-lo.

È importante o contato de pais com a escola, pois, representa uma possibilidade de atuar mais profundamente no educando, não só no sentido de conhecer melhor o ambiente em que o estudante vive, mas também para ganhar a cooperação da família no sentido de oferecerem estímulos e oportunidades para atingir os mesmos objetivos educacionais.

A melhor maneira de superar as dificuldades de aprendizagem é em primeiro lugar identificar com exatidão em que área ou áreas incide tal dificuldade, cabendo não só aos pais,

mas educadores e profissionais da área de saúde, o papel de providenciar ajuda, pois o diagnóstico precoce e o ensino específico são fundamentais, pois visa o desenvolvimento e o crescimento do jovem quanto estudante.

Fonseca (1995) enfatiza que a aprendizagem é uma função do cérebro sendo satisfatória quando determinadas condições de integrantes estão presentes. Partindo da realidade plenamente constatada que todos os alunos são diferentes, tanto em suas capacidades, quanto em suas motivações, interesses, ritmos evolutivos, estilos de aprendizagem, situações ambientais e entendendo que todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas contextuais e relativas, é necessário colocar o acento no próprio processo de interação ensino-aprendizagem.

Cabe-se, no entanto, ressaltar que cresce o número de alunos com dificuldades com aprendizagem e se faz necessário investigar os fatores que interferem no processo ensino e aprendizagem.

Conforme afirma Demo (1994) a mera transmissão consagra o ambiente da cópia e faz dos alunos cópia. Ainda enfatiza que, a prática do docente não pode reduzir o aluno a objeto de aprendizagem, destruindo a relação de sujeitos que o aprende a aprender supõe.

Nesse sentido, é necessário um diagnóstico e as buscas de indícios das representações dos fatores relevantes de aprendizagem se estão ligados aos próprios alunos, aos professores, à própria escola ou os seus pais.

Neste escopo, se insere conhecer como os futuros professores identificam os elementos constituintes da representação social das dificuldades e superações no processo de ensinar e a eficácia de dar aula considerada pelos futuros professores, ou seja, a relação de equilíbrio entre o aluno, a matéria, os objetivos do ensino e as técnicas de ensino diz (ANTUNES, 2006).

Para entender melhor o contexto da aprendizagem, Moscovici introduziu o conceito de representação social em seu trabalho intitulado “A psicanálise: sua imagem e seu público”, publicado em 1961, na França. Nesta pesquisa, o autor estudou as formas como a teoria psicanalítica e se difundiu no pensamento popular na França (MOSCOVICI, 2003).

Moscovici (1978:27) afirma que uma representação é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa e não existe separação. Mas para o pesquisador, as representações coletivas de Durkaheim incluíam excessos de formas intelectuais. Sendo assim, qualquer crença, idéia ou emoção presente na sociedade, era considerada uma representação (idem).

Durkaheim (1968) foi o primeiro a identificar tais objetos como produções mentais e sociais extraídos de um estudo sobre a ideação coletiva.

Considerando que Moscovici (1976a: 39) renova a análise, inserindo sobre a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pela intensidade e fluidez das trocas e comunicações, pela pluralidade e mobilidade sociais, identifica as representações de caráter plástico em contrapondo à concepção estática das representações de Durkaheim.

Assim na sociedade atual, que é a interessa a Moscovici, as representações passam a ser consideradas dinâmicas, conforme ele mesmo explica.

Se, no sentido clássico, as representações coletivas constituem em um instrumento explanatório e se referem uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de comunicar um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar esse de “coletivo” (MOSCOVICI, 2003: 49).

Com base no pensamento de Moscovici, pode-se concluir que as representações sociais são formas de conhecimento de vida cotidiana, que servem tanto para os indivíduos

compreenderem quanto para se comunicarem. Moscovici, (1976b: 61), em sua obra ressalta que a própria complexidade da noção de conceituar representações sociais, propõe que “se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é”, admite ainda que “a noção de representações ainda nos escapa.

Para Jodelet (2001a: 22) que deu continuidade aos estudos iniciados por Moscovici, caracteriza a representação como uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto, sendo sempre representação de uma coisa (objeto) e de alguém (sujeito) e de fato, afirma que representar ou se representar corresponde a um de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto.

E, sobretudo, afirma a autora (2001b: 22), que não há representação sem objeto e com relação aos processos formadores das representações sócias, a objetivação e a ancoragem – a representação social é uma atividade de reestruturação cognitiva do individuo, através da qual, ela explica e justifica a identidade que forjou de si mesmo para ser aceito em um grupo ou para justificar a sua inserção em um dado grupo.

Assim, a representação social reflete sobre algum fenômeno estranho que se torna familiar ao grupo; esta é ela é gerada quando determinado fenômeno mobiliza um grupo social, no sentido de familiarização.

Em sua obra seminal, Moscovici (1978a: 63) apresenta esses dois mecanismos que formam as representações: a ancoragem e a objetivação. Diz respeito aos processos de classificação e rotulação, os quais implicam o estabelecimento de uma rede de significações em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais partilhadas pelo grupo.

A objetivação se refere às informações e noções relativas ao objeto que são filtrados pelos sujeitos em seus grupos que pertence, considerando-se em imagens ou esquemas. Para entender melhor esses dois processos, são necessários explicitar a estrutura de uma representação social.

Para o autor, toda representação tem uma forma figurativa e um lado simbólico indissociável como o lado direto e o avesso de uma roupa qualquer. Portanto, a representação “[...] faz corresponder a toda figura um sentido e a todo sentido uma figura” (MOSCOVICI, idem 1978b: 65).

Abric (2000a: 28) entende que as representações sociais são “o conjunto organizado de informações, atitudes, crenças que um indivíduo ou um grupo elabora a propósito de um objeto, de uma situação, de um conceito, de outros indivíduos ou grupos, apresentando-se, portanto, como uma visão subjetiva e social da realidade”.

Ele se dedica à estrutura das representações sociais e elabora, em 1976, a perspectiva do núcleo central. Nesta perspectiva, a representação social de um objeto é organizada em torno de um núcleo central, constituído por um ou mais elementos que lhe dão significado, e um sistema periférico.

Ainda afirma, que a idéia essencial da teoria, é a de que “toda representação está organizada em torno de um núcleo central (...), que determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna” (ABRIC APUD SÁ: 73).

Ainda segundo Abric, o núcleo central é “um subconjunto da representação, composto de um ou alguns elementos cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente.

Para Abric (2000b: 31) núcleo central é “todo elemento que desempenha um papel privilegiado na representação, no sentido que os outros elementos dependem dele diretamente porque é em relação a ele que se definem seu peso e seu valor para o sujeito”.

O sistema periférico, situado ao redor do núcleo central como diz Abric (2000c: 31), faz conexão entre o núcleo central e a realidade concreta, possibilita que as representações sejam ao mesmo tempo rígidas e flexíveis e possui três funções primordiais: função de concretização, de regulação e de defesa da representação. A abordagem estrutural das

representações sociais explica as funções geradoras e organizadoras das representações sociais e sua dimensão normativa e funcional.

Madeira (1998: 239) considera que as representações sociais são “um saber prático”, um “sistema de interpretação” que rege nossa relação com o mundo e com os outros e organiza as comunicações e as condutas sociais.

Para a autora, “a representação social traz em si a história, na história particular de cada um. Nas variâncias de sua estrutura estão as particularidades de cada sujeito e, em suas invariâncias, as marcas do sentido atribuído, por determinados segmentos ou grupos ou, por sua totalidade, dado um objeto”.

Desta forma, a teoria das representações sociais é pertinente ao escopo deste estudo por focalizar os sentidos atribuídos a dar aula, aos fatores referentes às dificuldades de ensinar e como superá-los, ressaltados pelos alunos concluintes do Curso de Pedagogia e ao mesmo tempo apontar constitutivos da representação correlacionados no percurso da graduação.

Assim sendo, é cerne apontar Alves-Mazzotti (2009) ao afirmar que a arte de ensinar coordena significados de uma proposta de organização do ensino norteada pelo valor: ensinar tudo a todos com a mesma qualidade.

Um ponto que merece ser destacado é que o professor é identificado como sujeito de um saber e de um fazer, pois o “conhecimento profissional é construído ao longo da carreira, apesar das características e trajetórias distintas, o qual precisa ser conhecido, já que o mesmo norteia a prática educativa” (SILVA, 1995) Therrien (1993 *apud* NUNES, 2001).

O autor explica que há uma dissociação entre formação e prática cotidiana. E que cada professor “tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de dirigir-se aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma segunda pele profissional”. (NÓVOA, 1997:16)

Portanto, observa-se que o estado deve cumprir os aparatos ideológicos para apoiar com mais intensidade um caminho positivo que conduza a sensibilidade de uma sociedade sobre a intensidade da problemática da violência como: a televisão que é um dos influenciadores em certos tipos de filmes, pois a mesma tem um poder de sedução e o jovem tem a capacidade de imitar, por isso, forma uma cumplicidade que pode perigosamente atuar na sua formação cognitiva quanto em fase de desenvolvimento.

CAPÍTULO IV

4. PROPOSTA DE MELHORIAS NA APLICAÇÃO DO PROJETO JOVEM CIDADÃO

O século XXI inicia-se com uma bagagem cheia de incertezas políticas, ideologias, comportamentais. Essa situação se reflete também na escola, fazendo emergir sensações de impotência na comunidade escolar.

A escola é um espaço especial onde se pode construir o sonho e a possibilidade de uma sociedade melhor. Para conquistar tudo isso, só um trabalho em equipe, um trabalho solidário entre todos os que compõem o cotidiano escolar, e aos que auxiliam como parceiro nesta caminhada.

Com a finalidade de propor melhorias sobre o Projeto Jovens Cidadão na escola com os jovens de 12 a 18 anos de idade, onde a proposta do projeto é visar estabelecer estratégias de prevenção à violência mediante um conjunto de ações sócio-educativas, culturais, recreativas, desportivas e qualificação para o trabalho.

Os órgãos em parcerias precisam desenvolver através dessas ações momentos afetivos para atingi-los psicologicamente os alunos, assim fará um trabalho positivo atingindo seu objetivo que é prevenir a violência.

Reconhece-se ou (Ressaltando) que a proposta do Governo do Estado do Amazonas junto a Secretária de Segurança Pública é “excelente nas escolas” devendo beneficiar os jovens nesta faixa etária amenizando a violência e contribuindo para a geração de empregos, ainda prevê a concessão de bolsa-auxílio para as famílias com filhos de 12 a 18 anos selecionados pelo projeto no valor de R\$: 30,00, a R\$: 50,00 conforme a quantidade de filhos inscritos.

A proposta apresenta que o projeto precisa ser reavaliado quando implantado nas escolas, pois, o Projeto Jovem Cidadão na escola em estudo, não apresentou um melhor desempenho tendo como um dos problemas, o espaço não adequado para aplicação das atividades.

Apoiados no direito à participação no qual nos permite expressar e propor soluções para os problemas que afetam o desempenho com mais eficiência e eficácia com os jovens em estudo no projeto como:

- Infra-estrutura
- Acompanhamento familiar
- Professores comprometidos
- Coordenação mais efetiva
- Gênero

A escola apresenta várias dificuldades como espaço não adequado para as ações educativas no projeto. Por uma parte, os pais também não exercem sua participação nos processos da educação quando voltados nessas atividades e formação dos seus filhos, no seu projeto de vida e na exploração de suas capacidades.

Por outra parte, alguns professores deixaram de exercer seu ofício por vocação, nem todos os professores se preocupam por ensinar aos seres humanos com sentimentos e expectativas a não ser a objetos ou massas aos quais podem manipular o seu gosto, o ensino não é dado mediante o exemplo se não mediante a imposição, vulnerando o que querem.

Também há falta de uma coordenação mais efetiva no acompanhamento das ações educativas com os alunos, e acompanhamento das atividades com os professores, na qual os educadores trabalham como podem sem orientação mais efetiva por parte da coordenação do projeto jovem cidadão.

Sentiu-se também a ausência da gestão e da coordenação pedagógica da escola, por não acompanhar com mais frequência o desenrolar dessas atividades educativas do Projeto Jovem Cidadão, apesar de ser no contra turno da escola, são alunos da própria escola.

4.1 PARCERIA CIDADÃO

Quando se trata das ações desenvolvidas pela Secretaria de Esporte da Juventude e Lazer (SEJEL), o mais preocupante, é que a escola em estudo não possui espaço adequado para realização das atividades propostas.

Nesse contexto, a ausência de uma quadra para desporto como também, o campo de futebol, tem simplesmente uma área pequena descoberta com piso inadequado todo esburacado para os esportes de futsal, queimada e voleibol, sem nenhuma condição para realizar qualquer desporto, assim mesmo os jovens participam das ações propostas, muitas das vezes chegam a se machucarem.

Além da falta de espaço, são também divididos com as aulas de educação física no mesmo horário do currículo regular, acarretando com isso desentendimentos todos os dias entre os alunos muitas das vezes chegam a brigarem fisicamente e se agredirem com palavras ofensivas.

Como diz o professor Antillano, (2010: 32), [...] a violência juvenil não é organizada: “Os jovens usam a violência porque se sentem excluídos: impedidos de realizar seu projeto de vida, [...] usam a violência como meio de desespero, extremo, de se fazer ouvir”.¹²(ANTILLANO 2010).

Tudo isso aconteceu no primeiro semestre de 2010, mais o projeto já vem sendo desenvolvido desde 2008, como a escola não podia oferecer um bom trabalho com esses alunos e a Secretaria de Educação do Estado não pode desistir do projeto pelo motivo da

¹² Professor Universitário Andrés Antillano, especialista em segurança. Fonte: Revista “MUNDO MISSÃO”, julho 2010 – site WWW.mundomissão.com.br.

escola ter alunos que são de bairros violentos e apresentam comportamento de violência freqüentemente na escola, as atividades do projeto foram para outra escola do estado T.M. R como parceria entre escolas do estado, como mostra as fotos das atividades no capítulo III.

Não podemos deixar de dizer que a Secretaria de Cultura (CEC), também foi realizada na Escola Estadual T.M. R por não terem salas suficientes no desenrolar de suas atividades, como: uma sala para música, para artes plásticas e para teatro, todas as atividades mostradas nas fotos do capítulo III.

O Centro de Educação Tecnológico do Amazonas (CETAM) funcionou na própria Escola Estadual O.F pelo motivo da sala de informática não ser usada pelos alunos no turno regular, por não ter professor nesta área tecnológica.

Vale ressaltar também o conformismo em casos específicos tanto da equipe que coordena, o Conselho de Desenvolvimento Humano (CDH) como os estudantes e familiares na educação do ambiente no qual é trabalhada.

4.2 PROPOSTAS DE MELHORAMENTO

A proposta para o melhoramento da qualidade das ações educativas na prevenção a violência na escola através do Projeto Jovem Cidadão tendo como base cada uma das temáticas desenvolvidas propôs-se.

4.2.1 Infra-estrutura

Adequado no espaço escolar onde possa ser respeitado como cidadão que precisa ser resgatado, através das ações propostas em que as competências dos adolescentes tenham um papel importante em que mostra a educação como uma saída na prevenção à violência onde os jovens são vulneráveis e afeta a toda sociedade.

4.2.2 A participação familiar

Um ponto fundamental na prevenção a violência quando participa, a escola tem o seu papel de contribuição para a educação do ser, mas para isso precisa da parceria dos pais, como participantes ativos, e que tenham compromisso na educação de seus filhos, por isso que se faz importante a interação família/escola, pois ambas tem que caminhar na mesma direção.

Para tanto, Bourdieu (2005), diz que “na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar”.

Nesse contexto a herança cultural como difere o autor, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é, a responsável pela diferença inicial do jovem diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.

4.2.3 Comprometimento

Propõe-se aos professores, o comprometimento mais participativo nas atividades entre os alunos. Hoje não basta ao professor dominar só as atividades ou mesmo os conteúdos. Os profissionais devem estar preparados tanto para despertar nos jovens o interesses pelo o que esta fazendo como lidar com a indisciplina e eventuais casos de violência física e psicológicas (re)produzidas na escola. O novo modelo de formação do educador(a) deve ter: mais práxis, efetivo preparo científico e formação cultural.

4.2.4 Gênero

Diante da equidade de **gênero** observa-se que há muita divergência nas atividades desportivas quando praticada na escola, e vem posicionando um machismo entre homens e

mulheres na realização das ações proposta no projeto, vencendo sempre os homens como aparece nas atividades nas fotos do capítulo III diante dos esportes, e o projeto propõe envolvimento com todos os alunos.

A mulher deve representar uma autoridade diante do mundo dando o lugar que lhe corresponde, para não ser o sexo débil, homens e mulheres devem defender a equidade nos direitos e nas oportunidades.

Pois, o Projeto Jovem Cidadão é um projeto social do governo que em parceria com outros órgãos sem fins lucrativos oferecem oportunidades com o intuito de tirar os jovens desta faixa etária de 12 a 18 anos de idade da ociosidade, evitando seu envolvimento com a violência em todos os sentidos sem distinção de sexo, como ser humano fortalece sua auto-estima por estar envolvido em situações que exigem dele(a) iniciativas e decisões.

Também é necessário diante da equidade de gênero fortalecer a educação para a sexualidade dentro dessas ações educativas para melhorar a auto-estima, a auto-imagem, e o auto-conceito, por ser predominante nesta faixa etária.

É conveniente convidar aos pais de família para a formação na educação da sexualidade, obtendo assim informações adequadas no que é suficiente para a orientação de seus filhos, promovendo uma afetividade nos núcleos familiares.

4.2.5 Coordenação mais efetiva

Sobre a participação da **coordenação mais efetiva** no projeto, propõe-se acompanhar, orientar e procurar soluções que integrem a participação de todos, envolvendo professores, alunos e pais, o projeto terá um melhor desempenho, propondo assim uma forma de inclusão educativa dentro da escola com os jovens.

É óbvio que, pela magnitude e complexidade da proposta descrita, qualquer iniciativa em busca de solução pela coordenação que envolve todos os órgãos envolvidos, principalmente o CDH, coordenação geral no projeto, por mais simples que seja, não pode ser reducionista. Tem que ser mais efetivo quanto maior for à cooperação entre os vários setores e atores sociais.

4.3 ESTRATEGIAS DE FORTALECIMENTO DE IDENTIDADE DOS ALUNOS

A estratégia de fortalecimento de identidade é a forma de como a escola configura-se em um espaço privilegiado de formação. É nesse espaço que o jovem é exposta ao universo fascinante, e às vezes desafiador, do conhecimento. Ao mesmo tempo, o educando aprende a importância do debate, do choque de opiniões para construir uma verdade mais ampla.

Entre as tarefas mais nobres da escola está o fortalecimento da identidade do educando. Ou seja, mais do que transmitir conhecimentos, ou mesmo trabalhar com ações educativas, a escola precisa valorizar e reforçar o contexto e as potencialidades dos alunos, respeitar as diferenças e demonstrar como todos têm um papel importante na sociedade.

Na tarefa de afirmar a identidade, a escola precisa saber valorizar o contexto em que está inserida. Afinal, a identidade se constrói a partir do conhecimento e valorização da história de cada aluno, cujas raízes estão no entorno em que o aluno vive e convive. Portanto, a escola tem que desenvolver uma educação em consonância com as aspirações de um determinado modelo de homem que a sociedade exige, por isso, será desenvolvido através de:

4.3.1 Estratégia Psicológica

4.3.1.1 Dimensão física e psicológica:

□ incentivo à criação de subsídios para que o indivíduo possa lidar com as transformações físicas e psicológicas, minimizando focos de conflito e insegurança e favorecendo a construção da identidade, através de palestras com psicólogo, psicopedagogo e assistente social, encontros educativo e religioso, passeio em instituições ou lugares que busque uma relação com seu eu interior para uma reflexão profunda e transformadora.

□ fortalecimento de posturas, valores, e informações que possam favorecer a preservação de si e da saúde.

4.3.1.2 Dimensão sócio-afetiva

□ incentivo do desenvolvimento da consciência crítica que fundamenta a tomada de atitudes, a autonomia e a responsabilidade no relacionamento com o outro e com o mundo.

□ subsídios para o enfrentamento de novos desafios tais como o exercício da cidadania, a escolha profissional, o vestibular, o início da vida sexual e o ingresso no mercado de trabalho.

□ promoção de oportunidades para a conquista da autonomia e do bom relacionamento no grupo de convivência.

4.3.1.3 Dimensão cognitiva

□ ajustamento do projeto pedagógico de modo a resgatar o valor do conhecimento e do trabalho escolar na perspectiva da sociedade e da inserção no mundo do trabalho.

4.3.2 Estratégia de fortalecimento para a prática educacional

Ao se considerar a prática educacional na escola, deve-se evitar a “sedutora e cômoda tentação” de aceitar fórmulas genéricas e pré-estabelecidas de intervenção, pois assim como não há escolas “em abstrato”, não se pode projetar a ação educativa a partir de um modelo inflexível e escontextualizado de aluno.

Ao longo do século XX, os estudos a respeito do desenvolvimento humano consolidaram-no como objeto de investigação. Longe de se limitar aos processos intrínsecos do desenvolvimento, os aportes da psicologia social, sociolinguística e sociologia permitiram enfocar o ser humano em face do outro, em uma relação dinâmica e significativa com o momento histórico e a cultura.

O resultado de tantos estudos reflete-se não só nas mudanças conceituais sobre a infância e adolescência, como também nas importantes contribuições para explicar o relacionamento das crianças e adultos, nos dados acerca dos mecanismos evolutivos e, finalmente, sob a forma de implicações educacionais que fundamentam a revisão de tradicionais práticas escolares.

Avaliou-se o impacto das recentes pesquisas sobre a compreensão da infância e adolescência que hoje temos, Kramer (In Leite, Salles e Oliveira, 2000) explica o significado da dimensão sócio histórica da criança e do adolescente: necessariamente inserida em uma cultura (o que dá significado a seus atos e pensamentos), a cultura também interfere no âmbito social, modificando-o.

A constatação do jovem enquanto ser ativo, capaz de conceber idéias, submetê-las ao confronto com a realidade para reconsiderá-las posteriormente, enfrentar produtivamente os embates interpessoais e contradições de nosso mundo para, a partir deles, criar e recriar, dessacralizar objetos e instituições, mudar a ordem das coisas e assumir a “gestão cognitiva” nos complexos processos de assimilação e acomodação redimensiona definitivamente a ação educativa.

Em oposição à tradicional prática pedagógica constituída pela submissão, calcada no “adultocentrismo” e “didatização” de conteúdos, somos desafiados a considerar o ensino (e conseqüentemente, o processo educativo realizado na escola) como uma construção pessoal, levada a cabo pelas várias descobertas e atribuições de significado em um processo dinâmico de construção e desconstrução.

Nessa perspectiva, é possível responder à questão inicialmente formulada, admitindo, sim, a intervenção educativa no âmbito escolar. Mais do que isso, é preciso defendê-la como objetivo essencial da escola, sem o qual perde-se o sentido da prática pedagógica.

Longe de se configurar como processo rígido, projetado em uma única direção, o esforço educativo orienta-se para o ajustamento do indivíduo em possibilidades simultâneas e complementares de desenvolvimento, personalização, socialização, humanização e libertação a partir dos seguintes requisitos:

O eu: consideração do estágio de desenvolvimento do aluno como meio de obter diretrizes para a ação educativa, não pelo delineamento de quadros descritivos de possibilidades e limites, mas pela dimensão prospectiva do sujeito, isto é, aquilo que ele pode vir a ser.

O mundo: consideração da realidade histórica e social do aluno, essencial no “palco das negociações pedagógicas” para situar necessidades, significados, objetivos, limites, desafios, meios e razões para a prática educacional.

A escola: consideração do impacto da vida escolar sobre o aluno e seus significados ao longo da vida estudantil, aspectos esses capazes de redimensionar a vida do sujeito dentro e fora da escola.

A ação educativa: clareza das metas educativas priorizadas pelo projeto pedagógico da escola e pelo projeto jovem cidadão a partir dos itens anteriores, em perspectivas de intervenção flexíveis e nunca definitivas. Pensada sob o enfoque da dinâmica de implementação, a prática educativa faz sentido nas esferas macro e micro. A primeira diz respeito ao planejamento previsto a longo prazo com o propósito de nortear e imprimir coerência ao projeto escolar e ao projeto complementar.

A segunda refere-se ao exaustivo acompanhamento da rotina dentro e fora da sala de aula (os alunos individual e coletivamente, os fatos e ocorrências, o dito e o não dito, o sentido, o conhecido e o percebido, as dificuldades e conquistas, os dilemas e as alternativas de encaminhamento) em um constante trabalho que avalia e re-alimenta os planos elaborados através dos projetos educativo.

No conjunto, trata-se de uma reorientação do trabalho escolar já que os educadores e parceiros da escola são constantemente convidados a conhecer para estabelecer prioridades, projetar para, na prática, concretizar o seu trabalho, rever concepções para recriar novos meios de intervenção em diferentes possibilidades. Assim os alunos poderão ser fortes para enfrenta-los os problemas da vida.

CONCLUSÃO

O tema básico desta pesquisa é a violência, considerando-a como dano físico ou psicológico, impostos aos jovens individual ou grupal. Em um plano macro, a violência geralmente é associada à pobreza, desigualdade social e falhas de comunicação. É também contrária ao uso da razão, com sentimentos e diálogo relacionando-se ao abuso de poderes em diversos tipos de relações sociais, assim como, em muitos casos, ao recurso do poder pelo medo, pela intimidação, e pelo desempenho do outro como salienta: (ARENDR: 1994)

Há, portanto, diversos tipos de ambiências violentas, não se podendo reduzir a violência a um único fator. Nesta pesquisa registra-se que além da violência há que se refere a diversos tipos de violência, ou seja, a violência na escola.

Na escola, a violência Física é caracterizada por brigas, agressões, invasões, depredações, ferimentos, e até morte, e os conflitos se registram entre vários atores: alunos, pais, educadores dentre outros.

A violência Simbólica é mais difícil de ser percebida. È exercida muitas vezes de forma sutil, sem necessariamente ser vista como por violência quem sofre, ou seja, quando a vítima não se da conta de sua impotência frente aos poderes, nem exerce sua capacidade de crítica em relação a tal dinâmica. Por exemplo, a violência simbólica é exercida pela sociedade, por falta de encaminhamento dos jovens ao mercado de trabalho, por vedar as oportunidades para que desenvolvam sua criatividade e atividade de lazer.

Acontece também quando as escolas impõe conteúdos destituídos de interesse ou quando os educadores não se esforçam pela qualidade de suas aulas e não respeitam seus alunos, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento.

Refere-se também à violência sofrida por professores quando são agredidos em seu trabalho e em sua identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença dos alunos.

Os alunos demonstram em seus depoimentos que não estão seguros de que lhes garantam melhor qualificação para o mercado de trabalho. Evidencia-se que os jovens de baixa renda vêm a escola como canal de mobilidade social, alguns acreditam que a escola lhes ensina coisas úteis para a vida e para o futuro.

Destacam-se as discriminações como forma de violência. O racismo pode se realizar por comportamentos disfarçados de brincadeiras e piadas, ou uma pseudocordialidade, sendo que muitos dos têm tais práticas não lhes atribuem intenções racista, mas muitas vezes são sentidos como tal por quem é alvo. Existem alunos, porém, que afirmam ter preconceito racial e declaram que diversas brigas são motivadas pelo racismo.

Os resultados da pesquisa trazem importantes pistas para a compreensão de como os jovens lidam com a violência, destacando-se que a noção de violência não é banalizada, para outra como consequência da discriminação racial e da exclusão social. São vários os que só identificam como violência as que causam danos físicos, mas há os que reconhecem como tal aquelas que provocam dor, medo, tristeza, baixa-estima, desvalorização e não-reconhecimento da dignidade como todos merecem ser tratados.

O esforço empreendido neste trabalho, ao trazer uma visão sobre a prevenção da violência na escola com os jovens em estudos, pretende ajudar na reflexão e na busca de medidas estratégicas para a superação da violência física e psicológica através de ações educativas na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, podemos verificar que a ação educativa desenvolvidas na experiência do Projeto Jovem Cidadão na prevenção a violência com jovens de 12 a 18 anos de idade na Escola Estadual O. F. ainda está longe de ser considerada satisfatória na representatividade do comportamento dos jovens em estudo.

Verifica-se por fim com base nas atividades propostas com os órgãos em parcerias, SEJEL, SEC, CETAM, analisadas uma incoerência por parte dos espaços físico na escola por não auxiliarem para um bom desempenho eficiente e eficaz com as atividades propostas, deixando com isso professores (tutores), coordenação do projeto, pais, e alunos insatisfeitos.

Contudo, dentro desse contexto a cima relatada, ainda não é possível que se tenha um bom resultado, quando voltado para os alunos que ficam nos dois turnos da escola, evitando a ociosidade do mundo exterior, preenchendo esse espaço com atividades, desportivas, e cultural. Constatou-se também que as famílias precisam participar mais na vida escolar de seus filhos, como também no projeto onde ajuda na prevenção a violência e na sua aprendizagem.

Por fim, diante disso tudo que foi exposto, conclui-se que as atividades realizadas são suficientes sugestivas, e aponta nesta direção se houver uma implantação com organização estruturada no espaço físico adequado na escola e políticas públicas, a idéia do estado juntamente com a Secretaria de Educação do Estado do Amazonas na prevenção a violência com os jovens futuros terá um resultado futuramente positivo.

O esforço empreendido neste trabalho, ao trazer uma visão ampla sobre a prevenção a violência através da experiência do Projeto Jovem Cidadão na Escola Estadual O. F em Manaus Amazonas pretende ajudar na reflexão e na busca de medidas estratégicas para superar o envolvimento dos jovens de 12 a 18 anos de idade com a violência física e psicológica.

RECOMENDAÇÕES FINAIS

As recomendações que se seguem relaciona-se com implantação de políticas públicas que focalizam a violência física e psicológica e requerem o apoio dos governo federal, estadual e municipal e da sociedade civil. No âmbito da escola, é necessário o envolvimento de todo corpo docente, alunos, pais, funcionários, mídia, polícia dentre outros.

As secretarias estaduais e municipais de educação devem acompanhar o processo de implementação de medidas contra a violência com os jovens na escola e fora da escola, contribuindo com a preparação de pessoal e de material para treinamento de funcionários, além de discutir políticas de gestão e segurança com autoridades escolares e com a comunidade.

Interação de escola, família e comunidade

- Promover a socialização das famílias e da comunidade em que se situa a escola, para a redução da violência.

Valorização e organização dos jovens

- Valorizar os jovens, respeitando sua autonomia e os casos de conflito, discutindo diretamente com os envolvidos;

- Discutir com os jovens temas da violência embasada na experiência e linguagens deles;

- Estimular o uso do mural organizado pelos alunos

Apoio especializado ao processo de implementação das medidas

- Discutir com os pais, a comunidade em que se situa a escola, o copo técnico-pedagógico, alunos e funcionários as medidas a serem implementadas na escola;

- Promover linha de pesquisa sobre a violência na escola pelo Estado, com a participação de distintos especialistas e entidades;

- Conhecer as experiências de outras escolas que realizam trabalhos contra a violência;
- Avaliar a situação de violência na escola por meios de relatórios entre todos que fazem parte da comunidade escolar inter e externa;
- Coleta de dados sobre as atividades cotidianas no ambiente escolar, familiar e com as instituições policiais dentre outros;
- Ampliar melhor o trabalho com projetos educativos;

Portanto, as recomendações expostas acima refletem, sobre ações educativas por ser um terreno de empenho fundado para orientar as novas gerações de jovens contra qualquer tipo de violência.

No entanto, a sociedade tem vindo a sofrer significativas transformações. A família, núcleo primordial de educação, tem vindo dissimuladamente a delegar esse papel para a escola, dado que é no contexto educativo que os jovens passam a maior parte do dia.

Todavia, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para a sã convivência, o respeito pelo outro, a sociedade, a tolerância, o esforço pessoal, etc.

A escola não se pode pedir que além de ensinar os conteúdos programáticos curriculares exigidos pelo Ministério da Educação tenha também que ter a função educativa que compete aos pais.

No meio disso tudo, a verdade é que a violência continua a existir e a registrar-se cada vez mais na população jovem. A escola não pode ignorar que os conflitos e problemas sociais existem, e por isso tem vindo a adaptar-se como poder.

E é precisamente na escola que os jovens imitam comportamentos que diariamente observam, meios onde proliferam os maus tratos físicos e psicológicos, onde as privações, a promiscuidade, a baixa escolarização, a pobreza andam juntas.

Neste campo, urge uma intervenção conjunta realmente eficaz, fornecendo à população em risco modelos de condutas adequadas ao desenvolvimento afetivo, intelectual e moral de todos os implicados.

Nós, sociedade democrática somos responsáveis pelas conseqüências educativas das nossas ações. Terá que haver um esforço financeiro governamental, não só econômico, mas também a nível de recursos humanos para que projetos educativos de combate à violência e exclusão social sejam realmente concretizados e obtenham bons resultados.

Dentro deste contexto, não podemos deixar que os jovens se transformem em futuros inadaptados ou futuros marginais, só porque não tiveram referências positivas familiar na infância ou mesmo na sociedade externa, e porque as diversas entidades educativas foram esquecendo que os jovens também necessitam de carinho, de afeto, que também são seres humanos como todos os outros indivíduos.

Consciente de que este trabalho é suficiente na abordagem desta temática, pois, muito mais haveria de dizer, dado que o fenómeno da violência é muito mais amplo e surge em variados contextos, resta então cogitar que toda a sociedade se deveria mobilizar para proteger os cidadãos futuros, para que não tenham um futuro sombrio, enredados em sofrimentos, privações e sem projetos de vida.

REFERENCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia. S. P.; OLIVEIRA, Denize. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**, p. 27-38, Goiânia, AB, 2000.

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ARENDT, Hannah. *Between Past and future*. Nova York: Meridian Books, 1961.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo, Pioneira, 2000.

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 5a. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2006.

Andrés Antillano, Professor Universitário especialista em segurança. Fonte: Revista “MUNDO MISSÃO”, julho 2010 – site WWW. mundomissão.com.br.

ARIÈS, Philippe (1988). **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

AVANCINI, Marta, Revista “Violência nas escolas é epidemia mundial”, O Estado de São Paulo. 2001.

ARREGI GOENAGA. F. Los Jóvenes y la violencia. In: PANTOJA (Org.) *Nuevos espacios de La educación social*. Bilbao: Universidad de Deusto 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BALLONE, G.J. Violência Doméstica (2003) site- WWW.psiqweb.med.br/infantil/violdome

CODO, Wanderley; MENEZES-VASQUES, Iône. **As relações entre a escola, a vida e a qualidade de ensino**. Brasília: Mimeo, CNTE, 2001.

DAMÁSIO, A.R. **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro humano**. 10ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEBARBIEUX, Eric. **Violence em milieu Scola ire: l`état dès lieux**. Paris: ESF éditeur, 1996.

DELORS, Jacques [et.al.] **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI. 3ª Ed. Porto: Edições Asa. 1996.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.

DUBET, F. Les Lycéens. Paris: Seuil, 1991.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. À L'école: sociologie de l'expérience scolaire. Paris: Seuil, 1996.

DURKHEIM, E. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: PUF, 1963 1895.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.

ENGUITA, Mariano F. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Tradução, Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ERIKSON, E.H. Identidade, juventude e crise. 2. Ed. Trad. De: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FERMOSO, P. La violencia em la escuela: El educador - pedagogo social escolar . In PANTOJA, L. (Org.) *Novos espacios de La educación social*. Bilbao: Universidad de Deusto. 1998.

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão* (em português). 36ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

GARBARINO J, Guttman E, Seeley JW. *The Psychologically battered child*. San Francisco: Jossey-Bass; 1986.

GUERRA, V.N.A. Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1985. 120 p. _____. Violência de pais contra filhos: algumas indagações. In: STEINER, M.H.F. *Quando a criança não tem vez: violência e desamor*. São Paulo: Pioneira, 1986. p. 47-53.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

LEITE, Salles e Oliveira. *Educação Psicologia e Contemporaneidade*. Taubaté, Cabral Editora Universitária, 2000.

LEITE, Eliane Pisani: "Pais Educativos Psicologia Acupuntura Psicopedagogia" – Site pisani.leite@terra.com.br, Artigo escrito em 02/06/2008.

MADEIRA, Margot C. Um aprender do viver: educação e representações sociais. In: MOREIRA, Antonia S. P.; OLIVEIRA, Denize C. (Org.). **Estudos Interdisciplinares de representação social**, p. 239-250. Goiânia, A .B. Editoras, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. **A Representação Social da Psicanálise**: investigações em psicologia social. Petrópolis, Vozes, 2003.

_____. **La psychanalyse, son image et son public**. (Deuxième édition: 1976 ed.) Paris, Press Universitaires de France, 1961.

NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. In **Educação e Sociedade**, v. 22, n.74, p. 27-42, Campinas, 2001.

PINO JUSTE, M. R. La violencia como respuesta en algunos problemas de inadaptación social: campos de acción de la educación social. . In PANTOJA, L. (Org.). **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto 1998.

PETRUS ROTGER, Antonio Concepto de educación social. In PETRUS ROTGER, Antonio. (Coord.). **Pedagogia Social**. Barcelona: Edit. Ariel Educación. 1997.

PEDAGOGIA DE DOM BOSCO ATRAVÉS DE SEUS ESCRITOS. Editora Salesiana, 2004, São Paulo pág. 8-13 e 23-32. WWW.editorasalesiana. (No Brasil)

RENATA Ruivo – Psicóloga. Dificuldades de Aprendizagem. Artigo publicado por Marcos Vinhol Campos. Site WWW. renataruivo.com em 16 de maio, de 2008.

SAFFIOTI, H.I.B. A síndrome do pequeno poder. In: AZEVEDO M.; GUERRA, V. N.A. Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: IGLU 1989.

Sexualidades e Infância - A Sexualidade Como um Tema Transversal, Cláudia Ribeiro e Ana Maria Faccioli de Carvalho, Ed. Unicamp.

SILVA, A.M.M. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores São Paulo, 1995.

SILVA, E. T. da. **Professor de 1º Grau**: identidade em jogo, Campinas: Papirus, 1995.

TERRIEN, J. O saber social da prática docente. In: **Educação e Sociedade**: Centro de Estudos Educação e Sociedade, n. 46, p. 408 – 418, Campinas, abril, 1993.

OSÓRIO, L. C. Adolescente hoje. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

OROZCO, G. Hacia una dialectica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. *Comun. Polít.*, v.13, n.22-25, p.57-73, 1993.

VYGOTSKI. L. S. Obras Escogidas II: Incluye Pensamiento y Lenguaje, Conferencias sobre Psicología. Madri. Visor distribuciones. 1993.

ANEXOS

APÊNDICE I**QUESTIONÁRIO APLICADO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS PAIS E RESPONSÁVEL SOBRE O PROJETO JOVEM CIDADÃO.**

1º O que você acha do Projeto Jovem Cidadão na escola?

R.....

2º Quem é responsável pelo Projeto Jovem Cidadão?

.....

3º Qual atividade que seu(a) filho(a) mais gosta no Projeto Jovem Cidadão?

.....

4º Como você percebe o envolvimento da equipe da escola junto ao Projeto?

.....

5º Quantos dias na semana são realizadas as atividades do Projeto Jovem Cidadão?

.....

6º Depois que seu(a) filho(a) começou a participar do Projeto Jovem Cidadão, seu comportamento: Melhorou muito, melhorou pouco, não percebeu mudança, não informado.

.....

APÊNDICE II**PLANO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA PARA PROFESSORES DO PROJETO JOVEM CIDADÃO.**

1º - Porque tanta desistência de alunos nas ações aplicadas no projeto?

.....

2º - A escola ou mesmo a coordenação do projeto não tem outra proposta para que seja evitado tanta desistência ou mesmo mudança de atividades?

.....

3º - Os alunos têm melhorado o comportamento quando envolve a violência depois que começaram a participar das ações desenvolvidas no Projeto Jovem Cidadão?

.....